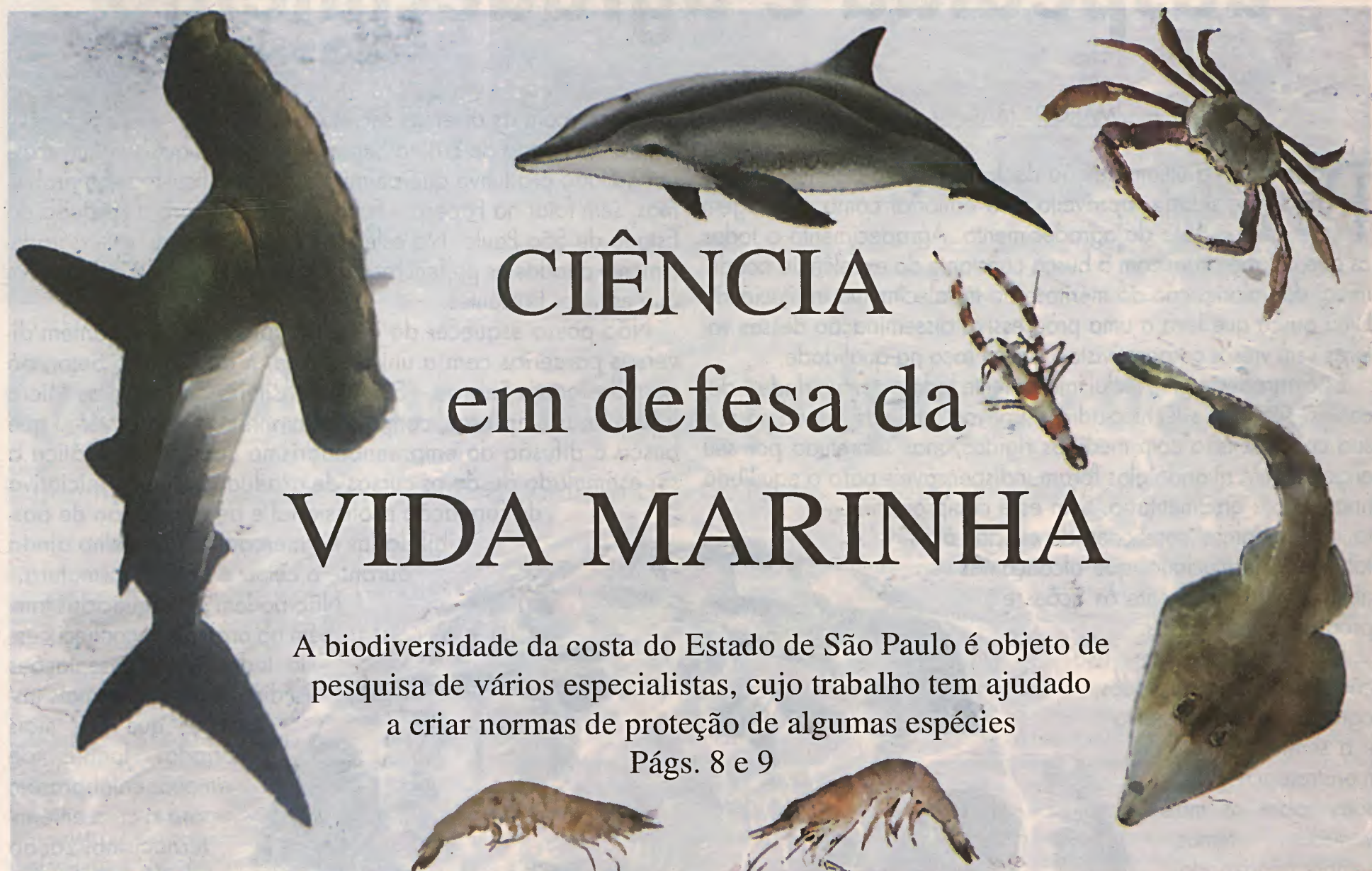




Daniel Patire



CIÊNCIA em defesa da VIDA MARINHA

A biodiversidade da costa do Estado de São Paulo é objeto de pesquisa de vários especialistas, cujo trabalho tem ajudado a criar normas de proteção de algumas espécies

Págs. 8 e 9

Experimento que utiliza células-tronco para refazer polpa de dentes ganha prêmio nacional

Pág. 3

Capital do Tocantins, Palmas é exemplo da crise de identidade de centros urbanos planejados

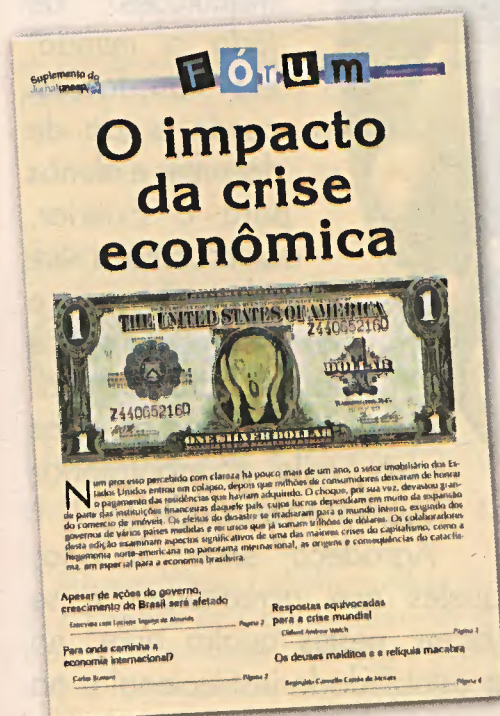
Pág. 5

Instituto Confúcio vai promover ensino do mandarim e estimular relações sino-brasileiras

Pág. 10

Livro reúne letras traduzidas e histórias curiosas sobre os hinos de 194 países

Pág. 16



Caderno discute estresse dos mercados

Reprodução



Tese revela grilagem na origem do centro de Jales e revolta moradores

Pág. 4

Mensagem de fidelidade e agradecimento

MARCOS MACARI

Por ser esta a última edição do **Jornal Unesp** da atual gestão da Universidade, aproveito este editorial como mensagem de despedida e de agradecimento. Agradecimento a todos os que colaboraram com a busca constante da excelência acadêmica, da valorização do mérito e do fortalecimento institucional. Uma busca que leva a uma progressiva disseminação desses valores sem vieses corporativistas, e com foco na qualidade.

Este agradecimento inclui inicialmente toda a comunidade – docentes, servidores técnico-administrativos e alunos –, não só por sua compreensão com medidas rígidas, mas sobretudo por seu engajamento quando elas foram indispensáveis para o equilíbrio financeiro e orçamentário. Sem esse comprometimento, não teríamos condições de chegar à estabilidade institucional que alcançamos nem de dar andamento às ações e programas prioritários.

Especificamente em relação aos órgãos colegiados, agradeço o discernimento e a serenidade que demonstraram nas discussões sobre os mais variados temas, sempre priorizando a defesa dos princípios expostos já no meu discurso ao assumir o cargo, há quase quatro anos, com foco na qualidade. O debate maduro sobre a peça orçamentária, a implantação da avaliação docente, a adoção de critérios de mérito para contratação de professores e servidores e sobre tantos outros temas essenciais ocorreu com transparência e respeito às diferenças de opiniões. O diálogo foi essencial em todos os níveis, desde os conselhos de curso até os órgãos colegiados centrais.

No âmbito federal, agradeço à bancada paulista no Congresso Nacional – pelo apoio na captação de recursos –, aos Ministérios da Saúde, da Educação, das Comunicações e da Ciência e Tecnologia, bem como à Sesu – Secretaria de Ensino Superior, à Capes – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, à Finep – Financiadora de Estudos e Projetos, e ao Banco Central do Brasil.

No plano estadual, destaco a relação cordial com a Assembléia Legislativa, com os dois governadores do Estado que tivemos neste

período e com as diversas secretarias estaduais – especialmente com a Secretaria de Ensino Superior –, com as quais mantivemos um diálogo produtivo que permitiu superar dificuldades e problemas, sem falar na Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Na esfera municipal, estendo este agradecimento a todas as prefeituras e comunidades das 23 cidades em que estamos presentes.

Não posso esquecer da iniciativa privada, que mantém diversas parcerias com a universidade, e do Terceiro Setor, no qual destaco o Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, com o qual mantemos um convênio que busca a difusão do empreendedorismo como uma prática a ser estimulada desde os cursos de graduação, como iniciativa de formação profissional e de ampliação de possibilidades no mercado de trabalho ainda durante o curso e após a formatura.

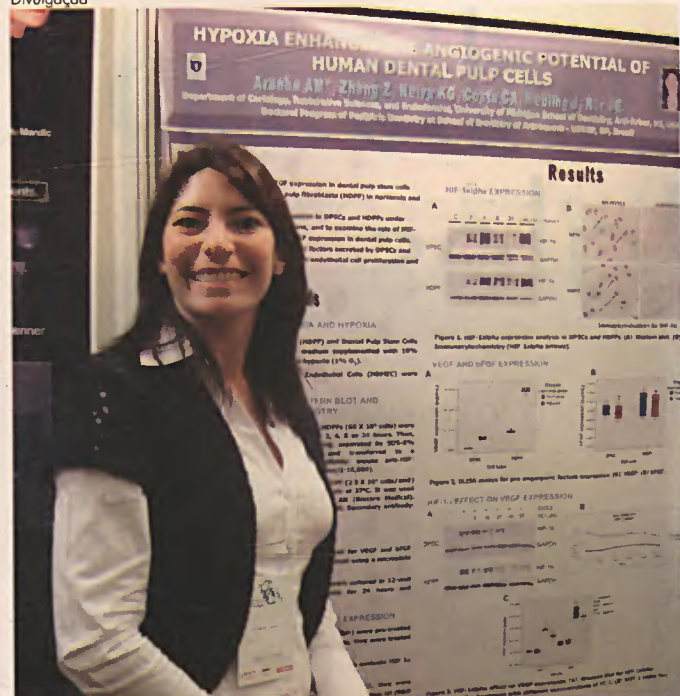
Não podem ser esquecidas também no presente reconhecimento todas as representações diplomáticas e demais instituições que das mais variadas formas de atuação colaboraram para a crescente internacionalização da **Unesp**. Estimulada por diversos convênios com instituições de todo o mundo, ela vem favorecendo a ida de docentes e alunos para o Exterior, assim como a vinda de professores e estudantes de outros países para lecionar ou frequentar as salas de aula e laboratórios desta Universidade.

Agradeço, enfim, a todos aqueles que acreditaram e se engajaram, nestes quatro anos, no resgate da estabilidade institucional e na consolidação de uma cultura de respeito às decoreligiadas, de transparência das ações e decisão e eficiência administrativa, de preservaçãoomia e, sobretudo, de busca permanente da excelididade nas áreas de ensino, pesquisa, extensão. os para que o próximo quadriênio seja de plenas vanços para nossa **Unesp**.

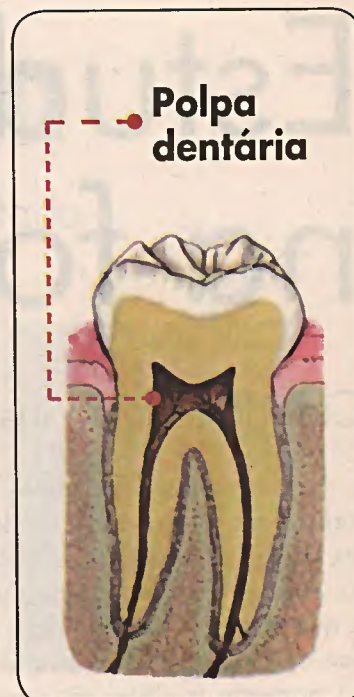
Marcos Macari é reitor da **Unesp**, biomédico e professor do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da **Unesp**, câmpus de Jaboticabal.



Divulgação



Andreza foi premiada por ter produzido, em condições de baixa concentração de oxigênio, proteínas com potencial para estimular a produção de células da tecido da polpa dentária, a partir de células-tronco (figura 1) e de outras células do tecido pulpar (figura 2).



Célula-tronco refaz polpa de dentes

Experimento pode levar a prevenção contra morte do tecido dentário causada por acidentes

Uma experiência inédita com células-tronco conseguiu reconstituir vasos sanguíneos e linfáticos, feixes nervosos e outros componentes do tecido interno de dentes de seres humanos. O experimento integrou a tese de doutorado de Andreza Maria Fábio Aranha, defendida na Faculdade de Odontologia, câmpus de Araraquara. Por seu feito, a cirurgiã-dentista conquistou o Prêmio Hatton no Encontro Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO), divisão brasileira da International Association for Dental Research (IADR), ocorrido em Águas de Lindóia (SP), de 30 de agosto a 2 de setembro de 2008.

O estudo poderá contribuir para combater os efeitos de acidentes entre crianças e adolescentes, em que os dentes são deslocados da estrutura protetora da gengiva, causando o rompimento dos vasos sanguíneos. Sem o oxigênio que é trazido por esses vasos, pode ocorrer a necrose, ou seja, a morte da polpa dentária. “A possibilidade de revascularização recria as condições originais da região afetada, evitando maiores danos”, destaca Andreza, que foi orientada pelo docente Carlos Alberto de Souza Costa, da FO.

Durante um estágio na Faculdade de Odonto-

logia da Universidade de Michigan (EUA), com a supervisão do professor Jacques E. Nör, a cirurgiã-dentista cultivou células do tecido interno do dente num ambiente de baixa concentração de oxigênio (hipóxia). Nessas condições, ela avaliou a capacidade das células de produzirem proteínas com potencial de estimular outras células a se diferenciarem em vasos sanguíneos.

“Trabalhei com células-tronco isoladas do tecido da polpa do dente, que podem dar origem a diversos outros tipos de células, como as endoteliais, que recobrem o interior dos vasos sanguíneos”, explica. A pesquisadora ressalva que, antes de esse tratamento ser aplicado em seres humanos, o trabalho ainda depende da análise da produção de proteínas de diversos tipos celulares e dos mecanismos envolvidos no processo de revascularização de dentes traumatizados.

Linhagem – Andreza explica que as células-tronco do tecido interno dentário têm capacidade limitada de diferenciação. Elas não apresentam o potencial das células-tronco isoladas de embriões e de cordão umbilical, consideradas pluripoten-

tes, pois podem se diferenciar em qualquer célula humana, com exceção da placenta e anexos.

Segundo a cirurgiã-dentista, essas células-tronco derivadas de dentes permanentes humanos foram isoladas em 2000, pelo médico Stan Gronthos, no Instituto Hanson da Universidade de Adelaide (Austrália). Por intermédio do pesquisador Songtao Shi, da Universidade do Sudoeste da Califórnia (EUA), parceiro de Gronthos em trabalhos na área, elas foram cedidas para o estudo de Andreza. “É uma linhagem celular de fácil acesso, que não envolve problema ético”, diz.

A cirurgiã-dentista constatou que essa linhagem tem papel importante na formação de novos vasos sanguíneos. Essas células-tronco são capazes de expressar, ou seja, levar à produção de proteínas, como a responsável pela formação e proliferação de vasos sanguíneos de estruturas dentárias. “Este estudo dá início a uma nova linha de pesquisas envolvendo mecanismo de biologia molecular”, destaca. Em abril, Andreza disputará o Prêmio Hatton Internacional na competição mundial da IADR, que ocorrerá durante a 87th General Session & Exhibition, em Miami (EUA).

Genira Chagas

INFORMÁTICA

Cansian é premiado por entidade internacional

Docente de Rio Preto recebe homenagem por excelência em gerenciamento de risco e segurança da informação

Adriano Mauro Cansian conquistou o 1º Prêmio de Excelência de Gerenciamento de Risco e Segurança da Informação, concedido pela ISSA (International Systems Security Analysts). Docente do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto, Cansian foi o vencedor na categoria Melhor Contribuição à Sociedade. A entrega da homenagem aconteceu na sede da Microsoft, em São Paulo (SP), no dia 11 de setembro de 2008. A ISSA é uma associação internacional de analistas de segurança que, por meio de um comitê, realiza a premiação em vários países.

“Acredito que minhas ações frente ao Grupo de Trabalho em Segurança, ao Comitê Gestor da Internet Brasileira e junto ao Poder Judiciário resultaram nessa indicação”, avalia Cansian, que também é coordenador do Laboratório ACME! de Pesquisa em Segurança de Computadores. Localizado no Ibilce,

o laboratório desenvolve estudos e forma recursos humanos especializados na área.

Em 2005, o pesquisador recebeu o Diploma de Reconhecimento Público do Comitê Gestor da Internet no Brasil pelos dez anos de serviços prestados ao desenvolvimento do setor. Em 2006, levou o prêmio Nata dos Profissionais de Segurança como um dos 50 profissionais mais influentes em segurança da informação no Brasil. Em 2007, conquistou o prêmio SecMaster 2006, também oferecido pela ISSA.

A fim de evitar fraudes em sistemas computacionais de empresas, o docente deu início, em 2007, à linha de pesquisa Análise de Risco. Juntamente com o pós-graduando Dioraci Corrêa Jr., do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação do Ibilce, vem desenvolvendo uma metodologia de avaliação sobre riscos nesse campo.

Ligia Aliberti



Cansian com o prêmio: onólise de froudes em computadores

Estudo aponta fraude na formação de Jales

Cidade teria se instalado em área grilada e moradores até hoje pagam taxa que seria ilegal

Ao analisar os documentos de cartórios para sua pesquisa de doutorado, defendida no câmpus de Rio Claro, Sedeval Nardoque descobriu que o quadrilátero central e dois bairros que deram origem à cidade de Jales, no noroeste paulista, são uma fraude em termos jurídicos. O espaço de cerca de 220 quadras, onde se construíram a igreja matriz e as primeiras residências, permanece como área rural, integrando uma fazenda registrada na cidade de Tanabi, sem autorização oficial para seu desmembramento e instalação de área urbana.

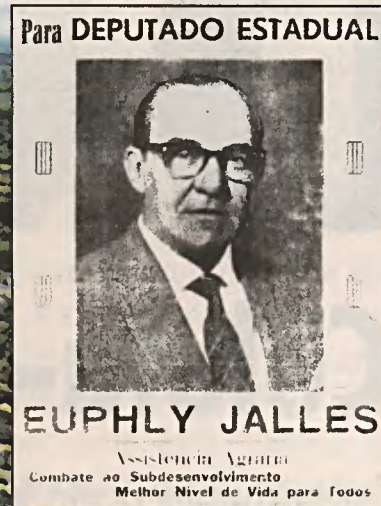
O engenheiro Euphly Jalles, que deu nome à cidade, fundou essa localidade em 1941, numa área da qual ele se apropriou de forma ilegal. "Ele tinha como estratégia chamar a atenção de possíveis compradores para a valorização das terras, a partir da fundação de uma vila, da construção da igreja matriz e da instalação de pequenas casas comerciais", comenta Nardoque, cuja pesquisa de doutorado, intitulada *Renda da terra e a produção do espaço urbano em Jales - SP*, foi defendida no Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas. O estudo, que concorre ao Prêmio Capes de Tese, ano base 2007, teve a orientação da docente Lúcia Helena de Oliveira Gerardi.

Após a divulgação dessa irregularidade, muitos dos cerca de 15 mil donos de imóveis da zona central e dos bairros de Santo Expedito e Vila Santa Iñez recorreram à Justiça para suspender uma taxa que pagam para o Espólio Jalles, ou seja, os descendentes do engenheiro. (Veja quadro.)

Grilagem – De acordo com a pesquisa, o atual espaço de Jales começou a se formar quando colonos de Minas Gerais ocuparam a então Fazenda Ponte Pensa, no século XIX. No início do século XX, a área foi grilada por pessoas oriundas de São José do Rio Preto, Araraquara e Rio de Janeiro. No final da década de 1920, Jalles foi nomeado perito judicial para medir parte da Ponte Pensa. O engenheiro acabou por se apossar da área, por meio da compra de títulos duvidosos e expulsão de posseiros.

Em seguida, ainda segundo o pesquisador, ele passou a negociar os lotes dos imóveis, tendo como base legal o regime de enfiteuse. A enfiteuse é uma espécie de contrato de caráter perpétuo, firmado entre o proprietário de um terreno (denominado senhorio), e o comprador (o enfiteuta). "Essa transação vigorou no Brasil Colônia, quando as terras eram propriedade da Coroa, e oficializou-se no Brasil Re-

Fotos Divulgação



Vista aérea da cidade e uma propaganda de Euphly Jalles como candidata à Assembleia Legislativa: fundador teria comprada títulos duvidosos e expulsado posseiros

pública por meio do Código Civil de 1916", explica Nardoque. Nessa condição, a pessoa adquire o direito de uso, mas não o domínio direto ou a titularidade da terra. A cada transação imobiliária, é paga uma taxa, conhecida como laudêmio, para o senhorio, de 2,5% sobre o valor da venda.

O geógrafo afirma que não encontrou nenhum registro de loteamento que comprovasse a conversão da terra rural em terra urbana. Ele constatou que as transações eram lavradas em livro do próprio senhorio, Euphly Jalles. O autor assinala que, mesmo após a morte do engenheiro e a aprovação do Código Civil de 2002, que proibiu a constituição de novas enfiteuses, o Espólio Jalles continuou firmando novos contratos.

A orientadora Lucia Gerardi enfati-

za que, no caso de Jales, certos direitos foram consagrados por influência de uma força política dominante. "Desta forma, a ilegalidade vira rotina e ninguém questiona", afirma. "Os posseiros que foram expulsos das terras griladas por Jalles tinham direito de regularizá-las e não tiveram oportunidade, porque eram iletrados", ressalta Nardoque.

A tese levantou, ainda, outras irregularidades. Pela lei, a taxa de laudêmio deveria ser de 2,5% sobre o valor venal do terreno a cada transação imobiliária. Mas, no caso de Jales, a cobrança do laudêmio acrescenta um percentual de 50% sobre o valor venal – ou seja, se o imóvel vale R\$ 50 mil, cobram-se os 2,5% sobre um valor de R\$ 75 mil. Além disso, o comprador deve reco-

lher 2% de Imposto de Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) para a Prefeitura. "Isso dificulta a venda de imóveis e acaba estimulando contratos sem o devido registro público", avalia.

Em seu estudo, Nardoque apontou as múltiplas possibilidades de obtenção de renda da terra e como certas irregularidades são oficializadas, quando há apoio dos órgãos públicos. Em Jales, o comprador não pode deixar de pagar o laudêmio porque, sem o comprovante de quitação da taxa, o cartório de imóveis não registra a transação de compra e venda. "Isso também é uma distorção, pois segundo a lei, o cartório não pode ser o fiscal do senhorio direto no recolhimento do laudêmio", conclui o pesquisador.

Genira Chagas

Moradores derrubaram estátua de engenheiro duas vezes

Sedeval Nardoque, hoje docente da Universidade Federal da Grande Dourados (MS), publicou três artigos no *Jornal de Jales* sobre suas descobertas. Revoltados, alguns jalesenses derrubaram por duas vezes a estátua de Euphly Jalles, erguida em 1970 em uma praça local.

Residente na cidade e representante de moradores inconformados, o advogado Carlos Alberto Expedito de Brito, conselheiro estadual da Ordem dos Advogados do Brasil, contesta a legitimidade da cobrança do laudêmio. "Nas três áreas da cidade onde se cobra essa taxa não existe registro de loteamento em cartório para embasá-la", esclarece Brito.

Paula Reis Aruca/A Tribuna Jales



G.C. Pessoas revoltadas com revelações de pesquisa arrancaram a imagem de seu pedestal

Capital nova e sem história

Tese revela efeitos da falta de passado em Palmas, no Tocantins, que foi projetada

Fotos Divulgação



O polício do governo e o monumento sobre o revólto do Forte de Copacabona tentam resgatar uma tradição ausente

As cidades tradicionais surgem e, ao longo do tempo, estendem seus traçados, costumes e significações. Já os centros urbanos projetados nascem de maneira artificial, nas pranchetas de arquitetos e urbanistas, sem passado ou memória. A análise e a percepção do imaginário social de Palmas, capital planejada do Estado do Tocantins, com apenas dezenove anos e 160 mil habitantes, foi o tema da tese de doutorado da geógrafa Valéria Cristina da Silva, defendida na Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente (FCT).

Para Valéria, a memória coletiva de uma cidade está nas narrativas, artefatos urbanos, ações, conquistas e relações entre os atores sociais e o espaço físico. “Já Palmas, construída de forma rápida, em espaços organizados, com uma série de alegorias em espaços públicos, ainda busca uma identidade”, assinala. Alguns monumentos

desalinhados da história, o girassol – o símbolo da cidade –, as estatuetas, as insígnias, a praça gigantesca, os arcos e as esferas douradas, os painéis históricos do palácio do governo que retratam cenas de lutas, tentariam resgatar um tempo ausente, produzir ilusões e dar sentido a essa capital.

A geógrafa colheu as opiniões de intelectuais e profissionais, como arquitetos, que ajudaram a conceber o projeto urbanístico dessa cidade. Para eles, Palmas é um centro urbano contemporâneo, com zoneamento flexível.

Ciência e arte – O estudo também captou as visões de 300 jovens e estudantes, que responderam a um questionário e elaboraram uma redação sobre Palmas. Alguns destacam a forma circular da capital e a grande quantidade de rotatórias: “A minha cidade é de tamanho grande, do tipo redonda [...]”; “Parece uma borboleta

porque é bonita e tem várias voltas [...]”; “Parece um labirinto, toda rua não tem fim [...]”. Valéria destaca a dificuldade de os jovens responderem se moram numa quadra ou bairro: “Em Palmas a quadra assume um valor de bairro”, argumenta.

Para a orientadora da tese, a docente Eda Maria Góes, o trabalho inova na percepção do imaginário social urbano e das produções artísticas sobre a capital. “É uma tese que contribui de forma sofisticada e crítica para os estudos sobre as cidades, em que se enfatiza a importância da temporalidade”, avalia a docente da Unesp. “Seu maior valor é propor a planejadores, cidadãos, governantes outras maneiras de se desenvolver uma cidade.”

Outro aspecto inovador foi o estilo adotado no texto, com o uso de metáforas e fontes literárias, como Marcel Proust, Clarice Lispector e



“Exploramos o colorido dos ‘girassóis de pedra’ e perseguimos estátuas, luminárias e pontes, mergulhando no fio da linguagem para subtrair da paisagem o invisível, o indizível e não-sentido. Deparamo-nos com esculturas de palavras, esculturas de luzes, esculturas de linguagens.”

Valéria Cristina da Silva

Cecília Meireles. A geógrafa recorre a imagens como a de um lustre de cristal, cujo prisma seria o recurso mais adequado para ver os centros urbanos. “A intenção foi unir ciência e arte por meio da linguagem”, observa Valéria. “A dimensão do meio urbano contemporâneo passa por uma sensibilização que pode ser compreendida por outros modos de ver e ler as cidades.”

Julio Zanella

GEOGRAFIA

Cidades nascidas com os colonos japoneses

Estudo enfatiza papel da ocupação territorial na fixação de imigrantes nipônicos no Brasil

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil no início do século XX para exercer atividades temporárias nas plantações de café. No entanto, as colônias de orientais deram origem a algumas cidades, principalmente em São Paulo e no Paraná, favorecendo a permanência deles no País.

Essa forma de ocupação territorial é uma das constatações da tese *Redes sociais e migrações laborais: múltiplas territorialidades*, de autoria de Lirian Melchior, docente do curso de Geografia do câmpus de Ourinhos. O estudo foi apresentado na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, sob a orientação do professor Eliseu Savério Spósito.

A autora analisa o caso da formação de Ourinhos, onde os imigrantes plantavam produtos como o algodão. “O município foi fundado em 1918 e em 1928 já existiam várias associações japonesas”, diz. Lirian ressalta a

Reprodução



Moradores do Boiro do Sobro, em Ourinhos: desenvolvimento econômico relacionado à identidade étnica

importância da Cooperativa Agrícola de Ourinhos, que colaborou para a criação de uma rede social na região, onde o interesse de desenvolvimento econômico se manifestava em torno da identidade étnica.

Dekasseguis – O trabalho analisou, ainda, o movimento de brasileiros

descendentes de japoneses – os dekassegus – em direção ao Japão. “Devemos avaliar a importância das redes sociais e das configurações de novas territorialidades para a contratação, formalização do emprego e estabelecimento dos dekassegus no país de origem de suas famílias”, destaca.

A docente analisa que, passados dez anos da primeira migração de nikkeis – descendentes de japoneses nascidos fora do Japão –, o fluxo, embora menor, ainda existe. “Muitas vidas são construídas entre idas e vindas e há aqueles que fixam raízes no Japão e abandonam o interesse pelo Brasil”, assinala Lirian.

Renato Coelho

Congresso reúne mais de 2.500 trabalhos

Evento apoiou diálogo entre graduação e pós e foi aberto a alunos de outras instituições

O XX Congresso de Iniciação Científica (CIC) da Unesp reuniu 2.557 alunos que apresentaram seus trabalhos, além de 153 pós-graduandos e 102 professores das quatro áreas do conhecimento – Ciências Exatas, Agrárias, Biológicas e Humanidades. De 27 de outubro a 1ª de novembro, os participantes apresentaram e avaliaram projetos, trocando conhecimentos e experiências no Parque Tecnológico de São José dos Campos (SP). (Ver tabela abaixo.)

“A participação na Iniciação Científica é muito importante para o desenvolvimento profissional”, destacou o pró-reitor de Pesquisa José Arana Varela, na abertura do evento. “Dessa forma, procuramos ampliar o número de graduandos na iniciação por meio de iniciativas como o Portal IC (www.portalic.feis.unesp.br) e do aumento no número de bolsas.”

“Eventos e programas que incentivem a participação dos universitários na Iniciação Científica são fundamentais para a formação de pesquisadores e para o desenvolvimento de uma cultura de inovação”, assinalou Marco Antonio Raupp, presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência).

O encontro foi organizado pela Pró-reitoria de Pesquisa (Prope) e pela Comissão Permanente de Pesquisa (CPP) da Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de São José dos Campos. Os trabalhos em Humanidades foram apresentados nos dias 27 e 28; os de Exatas, dias 29 e 30; e os de Agrárias e Biológicas, dias 31 de outubro e 1ª de novembro. “Nossa intenção foi possibilitar uma maior integração entre os alunos de cursos afins”, disse o presidente da CPP, professor Julio Cezar de Melo Castilho.

Nesta edição, o CIC também foi aberto a estudantes de outras instituições universitárias, cujos orientadores são docentes da Unesp. “Ao todo, tivemos 24 pesquisas expostas por alunos ‘de fora’”, afirma o presidente da comissão organizadora do evento e coordenador-executivo do Pibic (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), professor Erivaldo Antônio da Silva. “Com isso, o congresso se expande e firma sua importância frente à comunidade acadêmica nacional.”

Premiação – Os três melhores estudos de cada área foram premiados com R\$ 500,00 e vão participar da reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e da XVII Jornada de Jovens Pesquisadores da AUGM (Associação das Universidades do Grupo Montevidéu), em 2009. Outros 28 trabalhos (sete por segmento) tiveram menções honrosas.

Os vencedores nas quatro grandes áreas foram Tayná Cristina Valêncio de Matteo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, câmpus de Bauru (Humanidades); Richard Clayton Tomasella, do Instituto de

Fotos Daniel Patire



No alto, os estudantes latam auditório do Parque Tecnológico de São José dos Campos, durante o encontro, e, ao lado, a apresentação de alguns dos painéis, que estimularam o contato de pessoas de áreas diferentes

Geociências e Ciências Exatas, câmpus de Rio Claro (Exatas); Felipe Eduardo de Oliveira, da FO/São José dos Campos (Biológicas); e Daniel da Silva Penachio, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, câmpus de Botucatu (Agrárias). Eles apresentarão suas pesquisas no Congresso de Jovens Investigadores da Universidade do Porto, em Portugal. (Veja quadro.)

Interação – A participação de estudantes de mestrado e doutorado na avaliação dos projetos, adotada desde a 11ª edição do evento, busca incentivar

a pesquisa entre os próprios pós-graduandos. “Ao se colocarem na posição de avaliadores, eles devem analisar a coerência, os objetivos e resultados de temas não ligados diretamente a sua especialização, ampliando sua capacidade de crítica”, explica a assessora da Prope Tania Regina de Luca.

O mestrando em Educação Edilson Azevedo da Silva, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente, foi um dos avaliadores. “A coerência metodológica apresentada nos painéis mostra a de-

dicação tanto do estudante quanto do orientador”, salienta.

O congresso permite o contato entre estudantes de diferentes áreas, possibilitando o desenvolvimento de outras pesquisas, de acordo com a aluna Carolina Martinelli, do 3º ano de Odontologia da FO. “Por exemplo, nós de Odontologia, junto a engenheiros mecânicos e elétricos, podemos criar novos materiais para a clínica”, diz.

Para o professor Fritz Cavalcante Hugnenin, da USP/ Ribeirão Preto, que acompanhou as atividades de Exatas como avaliador externo do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o CIC é um exemplo a ser seguido por outras universidades. “O congresso tem um formato adequado para o aluno expor seu estudo, e a relação com a pós-graduação fortalece a pesquisa na instituição”, analisa.

Daniel Patire

Participantes por área de conhecimento

Áreas em número	Biológicas+Agrárias	Exatas	Humanas
Alunos.....	967	602	988
Professores.....	39	25	38
Pós-graduandos.....	73	29	51

Dados – Prope

Jovens da Universidade do Porto apresentam trabalhos

Daniel Patire



Heleno, Ano e Luiso, ao lado de Soroivo: iniciativo estreito vínculo entre instituições

Fruto de uma parceria entre a Unesp e a Universidade do Porto para o desenvolvimento de programas de pesquisas na graduação, três alunas portuguesas mostraram seus estudos no XX CIC. Ana Barros, Helena Azevedo e Luisa Saraiva foram premiadas no Congresso de Jovens Investigadores, no Porto, em fevereiro deste ano.

“Essa iniciativa do congresso permite fortalecer as relações de pesquisas entre as instituições”, disse Jorge Gonçalves, vice-reitor de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da universidade portuguesa, que acompanhou as estudantes.

D.P.

Mau uso do solo afeta irrigação

Contaminação de mananciais compromete água para lavouras em município do noroeste paulista

Um estudo da Unesp de Ilha Solteira associa o manejo irregular do solo na agricultura à escassez e à má qualidade da água em mananciais próximos às lavouras. A conclusão é baseada em uma análise do Córrego Três Barras, em Marinópolis, município no noroeste do Estado de São Paulo. Quase toda a água usada para irrigação das plantações da região, onde predomina o cultivo de uvas, é retirada desse córrego.

“A utilização intensiva, sem técnicas de conservação do solo e com a ausência das matas ciliares, resulta no assoreamento e deterioração da qualidade da água dos mananciais, especialmente para a irrigação”, argumenta Luiz Sérgio Vanzela, agrônomo e autor do estudo de doutorado realizado no Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção da Faculdade de Engenharia (FE).

Fernando Braz Tangerino Hernandez, docente da FE e orientador da pesquisa, ressalta que os agricultores reclamam da falta de água no córrego para irrigação, principalmente em épocas de seca. “Com isso, eles acabam extraindo a água de poços artesianos, no subsolo, prática que pode comprometer os reservatórios dos lençóis freáticos”, lembra. “Além disso, a qualidade da água tem sido inadequada durante o ano todo, principalmente para a produção de produtos consumidos in natura, como a uva.”

Monitoramento – Desde 2002, por meio de coletas e análises mensais, os pesquisadores monitoraram a qualidade e a vazão da água em cinco pontos dos 17 km² da bacia hidrográfica



1 – Testes analisaram itens como quantidade de metais na água, transporte de sedimentos e presença de coliformes fecais; 2 – O trabalho se baseou em cinco pontos de monitoramento hídrico; 3 – Vanzela critica má conservação da sala e ausência de matas ciliares; 4 – Hernandez alerta que situação se repete em outras microbacias



- 1 - Presença de plantas aquáticas de assoreamento adiantado
- 2 - Ausência de matas ciliares, leito raso e alargado
- 3 - Despejo da estação de tratamento de esgoto da cidade
- 4 - Presença de mata ciliar e leito rochoso
- 5 - Vegetação ciliar densa



ca do Córrego Três Barras. (Veja quadro.) Todas as propriedades rurais que utilizam a irrigação são visitadas regularmente e são levantados dados sobre o uso e a ocupação do solo, redes de drenagem e áreas irrigadas. “Com relação à qualidade da água, são medidas as quantidades de ferro, cálcio, magnésio, sólidos, transporte de sedimentos, oxigênio e coliformes fecais, que têm apresentado níveis acima dos permiti-

dos para a irrigação”, aponta Vanzela.

O Três Barras é contaminado por fertilizantes, defensivos agrícolas e efluentes de esgoto. Essa poluição é facilitada pela falta de conservação das matas ciliares, ou seja, a vegetação que protege as margens dos rios. “O plantio de árvores nas margens evita que sedimentos sejam conduzidos para o leito do córrego”, diz Hernandez.

Hernandez assinala que a situação se

repete em outras microbacias do oeste paulista. Financiado pela Fapesp (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo) e pelo Fehidro (Fundo Estadual de Recursos Hídricos), o estudo sugere um planejamento integrado do uso dos recursos naturais, que fixaria critérios para a implantação de novas áreas de irrigação, além do reflorestamento de matas ciliares.

Julio Zanella

AMBIENTE

Museu de Registro muda de endereço

Desde setembro, o Museu Dinâmico da Mata Atlântica, do câmpus de Registro, está funcionando no mesmo endereço da Unidade. O local, que receberá R\$ 100 mil, vindos de um financiamento do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), busca atender às demandas de alunos, docentes e da comunidade.

Segundo Patrícia Gleydes Morgante, vice-coordenadora do Museu e professora do curso de Agronomia, a verba é destinada à ampliação do acervo e a cursos de extensão. “Apesar dos avanços obtidos, estamos tentando um local maior para recepção de grupos grandes de visitantes”, explica.

Fundado em 2005, o museu funcio-



Espaço tem acervo sobre Mata Atlântica e atende alunos e comunidade

nou até o final de 2007 no prédio do Centro Educacional KKKK (Kaigai Kogyo Kabukushi Kaisha). Porém, o espaço precisou ser desocupado no início de 2008.

No museu, estão previstos cursos sobre ensino de Botânica, Genética, Conservação e Recuperação de Matas Ciliares e Educação Ambiental. O local tem apoio do Programa Ciência na Unesp, ligado à Vice-reitoria.

Renato Coelho

TECNOLOGIA

Software otimiza rota de coleta de lixo

Um estudo de iniciação científica promovido por Eliane Viviani, docente do câmpus de Bauru, e Bruno Dieguez Pereira, quintanista do curso de Engenharia Civil, utiliza um software de geoprocessamento para otimizar as rotas de coleta de resíduos domiciliares em Agudos (SP). A meta é usar de forma mais racional a malha viária local para economizar tempo e recursos financeiros.

Segundo Eliane, docente do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia (FE), os funcionários da Prefeitura de Agudos percorrem diariamente 117 km, para fazer a coleta do lixo. Pelo novo roteiro, esse percurso se reduz para 106,5 km.

A novidade foi elaborada com o auxílio do software SIG (Sistema de



Eliane e a imagem elaborada pelo programa, com áreas atendidas em Agudos

Informação Geográfica), tendo como base o traçado criado pela prefeitura. O projeto teve apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). “Já está sendo preparado um material para a apresentação dos dados obtidos aos técnicos da prefeitura”, assegura Eliane.

R.C.

A ciência em defesa da vida marinha

Especialistas ajudam a conhecer melhor a biodiversidade do litoral paulista, com estudos sobre animais como camarões, caranguejos, tubarões e golfinhos, muitas vezes contribuindo para a criação de normas de proteção ou exploração mais racional de espécies ameaçadas

GENIRA CHAGAS

A escassez de informações sobre a biodiversidade do litoral paulista tem prejudicado a proteção a muitas espécies em risco de extinção. Animais de importância comercial, entre eles o caranguejo-uçá, o camarão-rosa, o camarão-sete-barbas e algumas variedades de tubarão, são pescados em abundância. Especialistas da Unesp desenvolvem pesquisas sobre fauna marinha que, além de fornecerem conhecimento sobre diversos organismos, auxiliam na adoção de normas de exploração sustentável e conservação.

Um exemplo desse esforço foi o trabalho de descrição, identificação e classificação de crustáceos, realizado entre 2001 e 2003, na costa de São Sebastião, Caraguatuba e Ubatuba, no Litoral Norte do Estado de São Paulo. O levantamento foi coordenado pelo docente Adilson Fransozo, do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Botucatu, como parte do Projeto Biota, financiado pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). “O Litoral Norte é uma região rica em ilhas e enseadas, que promovem ambientes propícios ao desenvolvimento das espécies”, diz o docente.

Uma equipe de cerca de 20 pesquisadores vasculhou pontos determinados por satélite, coletando amostras de crustáceos — siris, caranguejos, lagostas e camarões —, numa profundidade de até 45 m. Os resultados do empreendimento integram o *Manual de identificação dos invertebrados marinhos das Regiões Sul e Sudeste do Brasil*, no qual o docente do IB foi responsável pela descrição, identificação e classificação de crustáceos no litoral paulista. A publicação corresponde ao volume 2 da série Manual do Biota, e será publicado pela Editora da USP.

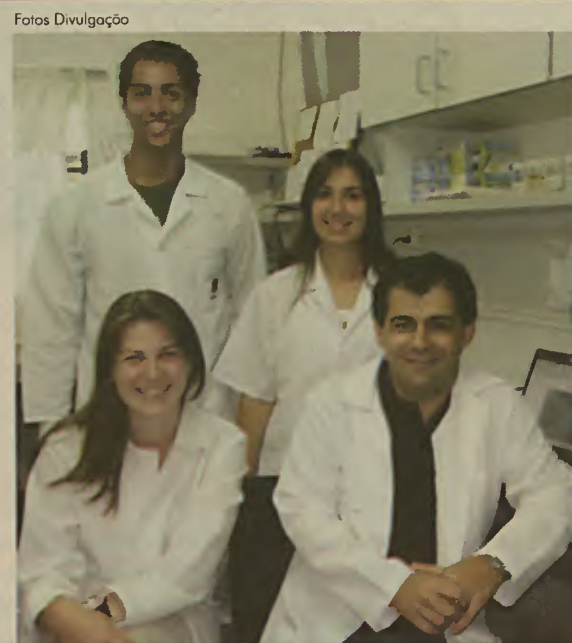
Informação — Esse levantamento vem tendo desdobramentos mais recentes. Em parceria com a equipe de

Fransozo, um estudo promovido pelo professor Rogério Caetano da Costa, da Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bauru, levou à modificação das normas sobre o período de defeso, ou seja, de proibição de pesca, de camarões do Litoral Norte. Em 2006, uma norma do Cepsul (Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul) estabeleceu os meses de março a maio para o defeso dos camarões-rosa (*Farfantepenaeus brasiliensis* e *F. paulensis*), e o período de outubro a dezembro para as demais espécies do crustáceo, como o camarão-branco (*Litopenaeus schmitti*) e o camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*).

Após dois anos de coletas, Costa, o pós-doutorando Antonio Castilho e outros pesquisadores da FC concluíram que essa separação de defesos prejudica o desenvolvimento dos animais. Eles verificaram que, no Litoral Norte, os camarões das espécies rosa e branco terminam sua fase juvenil de forma diferente de outras regiões, como o Litoral Sul paulista e a costa de Santa Catarina. Nesses outros locais, as duas espécies atingem a fase adulta em áreas de estuários (braço de mar formado na desembocadura de um rio). No Litoral Norte, o fim da fase juvenil de camarões das espécies rosa e branco acontece em baías e enseadas, onde o camarão-sete-barbas é intensamente explorado — sendo também capturados.

A partir dessas constatações, Costa e seu grupo propuseram a unificação do defeso no Litoral Norte para o período de março a maio. A sugestão foi aceita pelo Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e virou norma em 2008.

Caranguejo-uçá — Várias medidas em defesa do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) também foram adotadas a partir de investigações lideradas por Marcelo Antonio Amaro Pinheiro, co-



Fotos Divulgação
Proteção o camarões oriento análise do grupo de Costa (dir.)



Daniel Patre
Godig identificou 80 espécies de tubarões e raia

ordenador-executivo do Câmpus do Litoral Paulista (CLP), em São Vicente. Desde 1996, nos manguezais de Iguaçu, no Litoral Sul, Pinheiro pesquisa o ciclo reprodutivo dessa espécie, que consta da lista do Ibama de invertebrados aquáticos superexplorados. “A elevada extração comercial, reduzida taxa de crescimento e degradação dos manguezais, único ambiente do uçá, deixam esse animal vulnerável”, afirma.

Coordenador do Grupo de Pesquisa em Biologia de Crustáceos (Crusta), Pinheiro constatou que o uçá leva em média nove anos para se tornar adulto, quando a carapaça pode medir até 9 cm de largura. Com base nesses dados, foram baixadas normas para que o ca-

ranguejo só seja capturado ao chegar à maturidade sexual e a casca atingir ao menos 6 cm. Antes, o tamanho mínimo da casca permitido era de 5 cm. Além disso, foi estabelecido o período de defeso de outubro a dezembro. Segundo Pinheiro, em outubro os adultos trocam de casca e em novembro, já maiores e com a carapaça renovada, os animais se acasalam. Após essa etapa, os machos podem ser capturados de dezembro a março, e as fêmeas, após a desova, a partir de março.

Manguezal — Os prejuízos causados à vida marinha pelo lixo produzido pelo ser humano foram constatados por César Augusto Marcelino

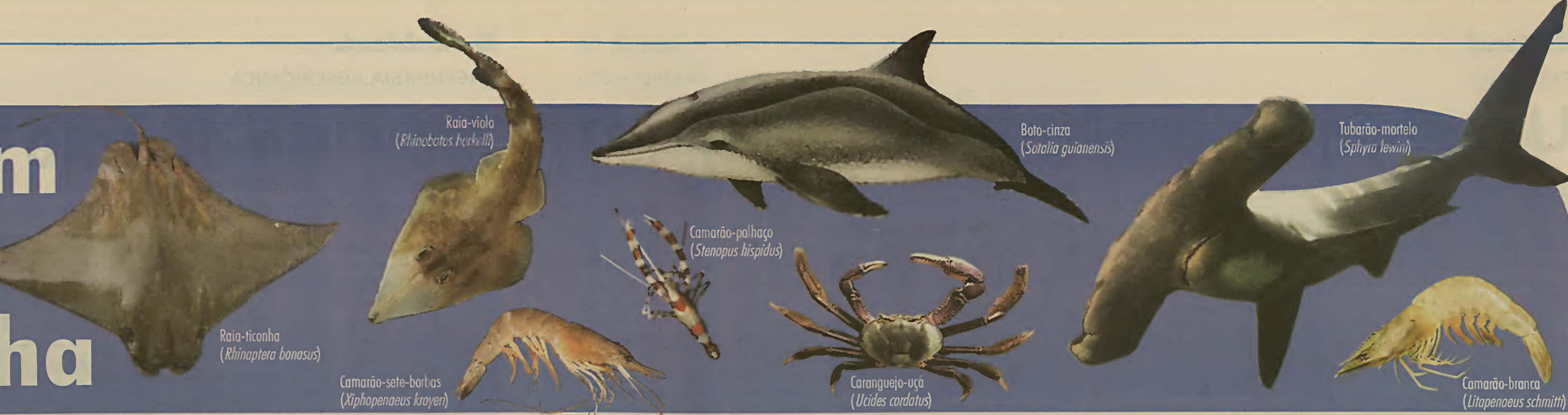
O reconhecimento a um pesquisador pioneiro

No dia 4 de dezembro, Nilton José Hebling recebeu o título de Professor Emérito, concedido pela Congregação do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Rio Claro.

Docente aposentado do IB, Hebling implantou, na década de 1970, a linha de pesquisa Desenvolvimento Larval de Crustáceos Marinhos. “Na Unesp, ele foi pioneiro no desenvolvimento metodológico para o cultivo desses animais”, salienta Ana Luiza Bossi-Garcia, atual vice-reitora-executiva do Centro de Estudos Ambientais (CEA), Unidade Complementar da Unesp em Rio Claro.

Ana Luiza é responsável pelo Laboratório de Carcinologia do CEA e líder do grupo de pesquisa Biometal, que investiga o potencial dos crustáceos marinhos e de água-doce para revelar as condições do ambiente onde vivem. Ana Luiza enfatiza que a atividade inovadora de Hebling teve continuidade no trabalho dos seus orientados — como Maria Lucia e Adilson Fransozo, de Botucatu, além da própria docente.

G.C.



Captura de caranguejo-uçá é alvo de Pinheiro



Rollo estuda população de botos-cinza



Mendonça uso marcador genético em estudos



Moirio Lúcio defende cultivo comercial

Mendes Cordeiro num trabalho de conclusão do curso de Biologia em São Vicente. Orientado pela docente Tânia Márcia Costa, ele avaliou os resíduos sólidos retidos em manguezais do estuário local.

Segundo Tânia, esse lixo prejudica as atividades dos animais. A docente explica que os caranguejos, ao fazerem seus esconderijos, realizam a bioturbação, ou seja, misturam os sedimentos do fundo do mangue. “Esse processo é o responsável pela diversidade da fauna e flora nesses locais”, esclarece a professora.

Tubarões e raia — Outros estudos estão contribuindo para a proteção de tubarões e raia. Especialista na ecologia desses animais, Otto Bismarck Fazzano Gadig, do CLP, já identificou cerca de 80 espécies em 15 anos de pesquisa. Para ele, cerca de um terço delas pode estar em declínio populacional devido à pesca artesanal ou industrial. “Muitas vezes, a exploração do peixe visa apenas à extração das nadadeiras”, exemplifica.

Gadig coordena o Projeto Cação, criado em 1996 para o estudo e a conservação desses organismos na costa paulista. Um dos resultados foi a localização, no litoral de Peruíbe, de um “berçário” de tubarões, onde foram identificados e analisados cerca de 16 mil animais, além de raia de 29 espécies. Ele assinala que sua pesquisa sobre o “berçário” é uma das poucas no mundo na área e tem ajudado o Ministério do Meio Ambiente na confecção de um plano nacional de preservação desses predadores.

Gadig também promove o Projeto Viola, que estuda as principais espé-

cies de raia da plataforma continental de São Paulo, principalmente as raia-viola. “Pesquisamos aspectos da alimentação, reprodução, distribuição, abundância e pesca, tentando conhecer a estrutura da comunidade de raia do Estado”, destaca.

Ferramentas genéticas — As investigações sobre tubarões podem incluir também técnicas biológicas avançadas. Dois doutorandos do IB de Botucatu avaliam o uso de marcadores genéticos para a compreensão da dinâmica populacional e o manejo adequado desses predadores. No laboratório de Biologia e Genética de Peixes, Fernando Fernandes Mendonça, orienta-

do pelo docente Fausto Foresti, estuda a técnica PCR-multiplex (Reação da Cadeia da Polimerase) para estabelecer o perfil genético de cada espécie. Ele já organizou um banco de dados com 500 amostras de material genético.

Segundo Mendonça, esse conhecimento vai permitir uma nova forma de quantificar a exploração das espécies de tubarões. “Atualmente, a identificação desses animais é dificultada pela prática dos pescadores de retirar a cabeça e as vísceras do peixe, para melhor conservação da carne”, esclarece o pesquisador, que, por seu trabalho, ganhou o Prêmio Silvio Almeida de Toledo Filho de conservação animal.

Danillo Pinhal, orientado pelo do-

cente Cesar Martins, coordenador do Laboratório de Genômica Integrativa, recorre à PCR-multiplex para analisar o tubarão-martelo, em especial a espécie *Sphyrna lewini*. Ele usa marcadores microsatélites, um tipo de “impressão digital”, para estabelecer o padrão genotípico, isto é, a organização dos genes de cada população. “A partir desses padrões, é possível comparar populações e até mesmo determinar a região de origem de uma dada amostra de nadadeira”, explica Pinhal, que é co-orientado por Gadig, do CLP, e por Pedro Galetti, da Universidade Federal de São Carlos.

Golfinhos de volta — Em Cananéia, Mario Manoel Rollo Jr., professor do CLP, conduz desde 1999 levantamentos populacionais do boto-cinza (*Sotalia guianensis*), golfinho comum no litoral brasileiro. Por se tratar de uma área mais preservada e de difícil acesso, o professor estima que, no litoral desse município, vivam cerca de 200 desses animais.

Por meio de métodos visuais e acústicos, o docente já mapeou a presença da espécie no estuário de Santos. Ao confrontar o histórico de ocorrências do boto-cinza com o estudo que realiza, ele constatou que esse mamífero está recuperando a região, após quase quarenta anos sem registros de sua presença, possivelmente por causa da poluição e do assoreamento das águas. “Mas ainda não foi possível estimar o tamanho da população”, adverte. “Como todo golfinho, o boto-cinza passa muito tempo submerso, não é tão fácil de ser visto.” Para Rollo, as políticas de manejo e de conservação têm mudado o status de conservação desses animais.

Coleção de crustáceos inédita no mundo

Docente do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências de Botucatu e presidente da Sociedade Brasileira de Carcinologia, Maria Lúcia Negreiros Fransozo é uma das poucas especialistas brasileiras em tecnologia de cultivo de animais marinhos. “A produção em escala comercial pode contribuir para prevenir os efeitos da pesca predatória”, argumenta. Ela e o marido, Adilson Fransozo, coordenam o Núcleo de Estudos em Biologia, Ecologia e Cultivo de Crustáceos (Nebecc) do IB, acompanhando o ciclo de vida desses organismos. As atividades do grupo levaram à formação da Nebecc Larval Collection, uma coleção de larvas de crustáceos inédita no mundo.

A docente ressalta que o fator surpresa é uma constante em sua pesquisa. “Como as larvas são todas parecidas, a princípio, a gente nunca sabe o que está cultivando”, assinala. Mesmo assim, o núcleo já documentou 32 espécies. Recentemente, uma pesquisa de doutorado de Rafael Augusto Gregati, sob a orientação de Maria Lúcia, registrou o ciclo de vida do camarão-palhaço (*Stenopus hispidus*), um crustáceo ornamental cuja captura pode separar os casais da espécie, que costumam ficar juntos a vida inteira. G.C.

O impacto da crise econômica

Arte de Daniel Patire, a partir da pintura *O Grito*, de Edvard Munch



Num processo percebido com clareza há pouco mais de um ano, o setor imobiliário dos Estados Unidos entrou em colapso, depois que milhões de consumidores deixaram de honrar o pagamento das residências que haviam adquirido. O choque, por sua vez, devastou grande parte das instituições financeiras daquele país, cujos lucros dependiam em muito da expansão do comércio de imóveis. Os efeitos do desastre se irradiaram para o mundo inteiro, exigindo dos governos de vários países medidas e recursos que já somam trilhões de dólares. Os colaboradores desta edição examinam aspectos significativos de uma das maiores crises do capitalismo, como a hegemonia norte-americana no panorama internacional, as origens e conseqüências do cataclisma, em especial para a economia brasileira.

Apesar de ações do governo,
crescimento do Brasil será afetado

Entrevista com Luciana Togeiro de Almeida

Página 2

Para onde caminha a
economia internacional?

Carlos Romero

Página 2

Respostas equivocadas
para a crise mundial

Clifford Andrew Welch

Página 3

Os deuses malditos e a relíquia macabra

Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes

Página 4

ENTREVISTA

LUCIANA TOGEIRO DE ALMEIDA

Apesar de ações do governo, crescimento do Brasil será afetado

Graduada, mestre e doutora em Economia pela Unicamp, Luciana Togeiro de Almeida é professora do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara. Suas principais áreas de estudos são Economia do Meio Ambiente e Diplomacia Econômica, com atuação em temas como política ambiental, comércio internacional, regulações ambientais, competitividade e desenvolvimento sustentável. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (2002-2003) e é membro da diretoria da Sociedade Internacional para a Economia Ecológica. (Entrevista a Oscar D'Ambrosio)

Jornal Unesp: *Quais as semelhanças entre a atual crise global e a depressão mundial dos anos 1930?*

Luciana Togeiro de Almeida: A principal semelhança é que, na ausência de mecanismos de regulação, os resultados favoráveis dos negócios privados provocam um excesso de confiança dos agentes econômicos, que acabam por desencadear o círculo vicioso que caracteriza as crises econômicas. Empresas, consumidores e investidores se endividam e se arriscam cada vez mais, o que gera problemas de inadimplência que repercutem no mercado de ativos, dando origem a uma crise financeira seguida de contração de crédito com efeitos recessivos sobre a economia real. A contração da atividade econômica expõe a fragilidade financeira de agentes econômicos e eleva a aversão ao risco, o que reforça as tendências de desaceleração.

JU: *E as diferenças?*

Luciana: A primeira é o tamanho e o funcionamento do mercado financeiro internacional dos dias de hoje, que projetam um impacto muito maior da crise financeira sobre a economia mundial. O mercado financeiro funciona 24 horas por dia com instrumentos que interligam as diferentes praças financeiras na montagem de portfólios internacionais, que podem ser modificados a qualquer instante. A segunda diferença se deve às lições do passado. Diante do temor da depressão, como a ocorrida nos anos 1930, as respostas contra a crise por parte de governos nacionais – desde os EUA a outros países avançados, e também nos países em desenvolvimento, como China e Brasil – em geral têm sido rápidas e abrangentes.

JU: *Vem ocorrendo de fato um enfraquecimento dos EUA no sistema internacional?*

Luciana: Na virada dos anos 1970 para os 1980, muitos apostaram no fim



da hegemonia norte-americana e o que se assistiu foi um revigoramento desta. A despeito dos graves problemas hoje enfrentados pela economia dos EUA, como crise bancária e financeira, recessão e desemprego, os investidores internacionais continuam se refugiando no dólar e nos títulos do Tesouro norte-americano. Uma reedição da experiência dos anos 1980 não parece descartada: o mundo financiando a retomada da hegemonia norte-americana e, desta vez, com baixas taxas de juros reais positivas.

JU: *E quais podem ser as consequências dessa crise para o Brasil?*

Agentes econômicos privados – bancos, empresas e consumidores – estão em compasso de espera

e bancos oficiais para a expansão das linhas de crédito e financiamento interno –, a tendência é de desaceleração do crescimento. Além de problemas de grandes empresas exportadoras que apresentaram perdas expressivas com operações financeiras, os efeitos da recessão mundial já se fazem presentes no desempenho exportador brasileiro. Os agentes econômicos privados – bancos, empresas e consumidores – estão em compasso de espera, aguardando uma definição do quadro. Se todos “esperam para ver”, o resultado macroeconômico está dado: recessão. A aposta de que o mercado interno será suficiente para sustentar o ritmo dos negócios da economia brasileira continua sendo uma aposta.

Para onde caminha a economia internacional?

CARLOS A. ROMERO

Significativo número de analistas já destacou como o crescimento sustentado da economia mundial, observado nos últimos quatro anos, estava chegando ao fim. Sob o conceito de “aterissagem suave”, foi prognosticado que os anos de 2008 e 2009 se caracterizariam por expectativas cada dia mais incertas, com o “esfriamento” do comércio mundial e uma redução moderada do crescimento, da demanda, do investimento, da produção, do emprego e do consumo.

Do mesmo modo, foram feitos alertas sobre a desaceleração da economia dos EUA, que têm experimentado seu menor ritmo de crescimento em cinco anos, e sobre a debilidade e, até certo ponto, a “paralisia” das grandes Bolsas de Valores e, em geral, dos mercados financeiros. [...]

Ao mesmo tempo, ocorriam os primeiros sinais de um “esfriamento” econômico da China, como uma expansão calculada para 2008 de 9,2%, um percentual inferior aos 10% atingidos como mínimo durante os últimos seis anos, além da contração do crédito, o peso da dívida em relação a empréstimos pessoais e imobiliários, o uso indiscriminado de cartões de crédito, a lentidão na formação bruta de capital, a queda do mercado imobiliário nos EUA e a alta morosidade dos endividados de hipotecas, conhecidas como subprime. [...]

Enquanto isso, procura-se curar as feridas do endividamento deixadas pelo excesso de confiança, o impacto gerado pelo papel dos fundos privados e fundos soberanos na formação do capital, as distorções na indústria de gestão de ativos financeiros, a baixa rentabilidade da maioria dos produtos de investimento e o crescimento dos passivos financeiros ocasionado pelo aumento do risco que significou outorgar créditos aos chamados “Ninja” (no incomes – no jobs – no assets), pessoas sem ganhos fixos, sem emprego e sem propriedades.

Os efeitos da crise são mais prolongados do que era inicialmente esperado e têm se expandido em direção a uma grande variedade de agentes e mercados, apesar das medidas adotadas pelos principais bancos centrais para evitar uma instabilidade macroeconômica.

Uma maior atenção tem que ser prestada ao oscilante mercado petrolífero e de gás natural, além das outras fontes de energia como o carvão, as areias betuminosas petrolíferas, a energia nuclear, a energia hidroelétrica, a energia solar, os agrocombustíveis e os biocombustíveis; e também à especulação financeira nos mercados de futuros do produto cru.

Tudo isso ocorre acompanhado de uma situação geopolítica frágil, na medida em que a produção de petróleo e a segurança das reservas de petróleo e gás estão ameaçadas pela situação política instável no Oriente Médio, no Irã, nas ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central, na Bolívia e na Nigéria, e pelo deslocamento do mercado petroleiro, que dá sinais contraditórios em matéria de preços.

Essa dinâmica tem repercutido no plano social pelo aumento da inflação e pelo aprofundamento da brecha entre aqueles que têm uma vida confortável e os que vêem suas possibilidades de emprego e de uma remuneração justa reduzidas e que carecem de benefícios sociais, tanto em termos educativos como de saúde.

[...] Cresce a frequência com que as revistas especializadas comentam o impacto que, nos próximos anos, terão as energias inteligentes baseadas em fontes eólicas, bioalimentares e solares; a penetração da telefonia móvel, a propensão a novos aparelhos sensíveis de visão tridimensional e som, as inovações científicas na biomedicina e a genética humana. São os casos do genoma humano, das novas tecnologias de computação, de informática e da informação cibernética; os sistemas inteligentes de comunicação e a aplicação de software de ponta e sensores de rádio.

Nesse contexto, uma análise prudente da realidade econômica mundial nos leva a pensar que se, por um lado, não estamos no fim do mundo e existem suficientes reservas materiais e financeiras para amortizar os efeitos da crise, por outro, estamos entrando num processo de mudança que dará uma identidade diferente a este século e cujas características prometem ser muito contraditórias.

Carlos A. Romero é professor-titular aposentado da Universidade Central da Venezuela. Atualmente ocupa a Cátedra da América Latina, parceria entre o Memorial da América Latina, a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e as três universidades públicas paulistas (USP, Unicamp e Unesp), com o apoio de empresas privadas.

A íntegra deste artigo está no “Debate Acadêmico” do Portal Unesp, no endereço

http://www.unesp.br/aci/debate/romero_economia.php

Arte de Daniel Patire, a partir da pintura Torre de Babel, de Peter Brueghel



Respostas equivocadas para a crise mundial

CLIFFORD ANDREW WELCH

Por causa da atual crise, meu irmão, que mora no Estado da Flórida, fala em uma palavra só: “Ouro!” Já transferiu todo o dinheiro que pôde para a compra de “American Golden Eagles”, uma moeda de ouro, produzida em 1986, que tem o valor oficial de US\$ 25, mas custa mais de US\$ 900. Ele convenceu minha mãe e também meu pai – um pobre ex-combatente da Segunda Guerra Mundial – para que investissem na compra de “Eagles”. O refúgio dos ricos, sempre uma minoria, em tempos de crise é o ouro. Para valorizar o seu estoque de ouro, tentam convencer a pequena burguesia e a classe trabalhadora a investirem no metal precioso. [...]

Muito se tem comentado sobre a crise dos bancos nos EUA. Durante mais de vinte anos de políticas neoliberais, a solução da crise profunda dos anos 1970 e 1980 foi o fim dos regulamentos dos bancos e outras instituições capitalistas. Uma consequência disso foi uma concentração de riqueza, sem precedentes, entre a burguesia. [...] A classe trabalhadora foi encorajada a pedir dinheiro emprestado e se configurar como parte da classe rentista. A crise atual foi provocada pelo fim do aumento constante, por quase duas décadas, dos preços de casas no mercado imobiliário. São milhões de famílias que começaram a viver além de sua renda real, sempre convencidas que daria para pedir emprestado mais dinheiro. [...]

Aqui no Brasil, a conversa sobre a crise é outra. [...] Se os norte-americanos e europeus pararem de importar commodities do Brasil, certamente vai significar ainda mais miséria e sofrimento na periferia da economia capitalista mundial.

Além dos cambistas, que gozaram de um aumento histórico no valor do dólar, só encontrei mais dois grupos que vêem na crise algo de bom. Para a esquerda, é o início da crise que vai acabar com o capitalismo e criar condições para revolucionar as relações sociais e políticas do mundo. Um grupo menos radical está comemorando o fim do neoliberalismo, rindo da cara do governo dos Estados Unidos, que optou por usar seu poder estatal para intervir na economia numa escala massiva.

Os políticos ricos passam dinheiro dos contribuintes comuns para seus amigos ricos nos bancos

Vivendo esta ponte entre dois mundos interligados, o quadro da realidade pintada pelas experiências e observações me parece irônico e contraditório. A intervenção do Estado na economia não representa, para os estadunidenses, uma negação da ideologia neoliberal. De fato, a única oposição às medidas governamentais já tomadas é a que critica o apoio aos bancos como continuação dos erros mais graves das políticas neoliberais que causaram os problemas.

Ao invés de estimular a economia com investimentos que teriam a capacidade de criar riqueza na base do sistema, com a criação de trabalho, o controle dos preços, o planejamento habitacional etc., os políticos ricos estão passando ainda mais dinheiro dos contribuintes comuns, através dos impostos de gerações ainda não nascidas, para seus amigos ricos nos bancos. Assim, o setor privado e não o público ainda fica com a responsabilidade de “salvar” a economia política capitalista. Pior ainda, o apoio do governo vai ajudar a concentrar ainda mais a riqueza do país porque vai financiar os bancos maiores e mais fortes, deixando morrer – segundo a lei do mercado – os bancos menores e mais fracos.

Apesar da atenção dada à atuação do governo Bush como ato significativo para “criar confiança” nos mercados, “proteger o sistema bancário”, medidas apresentadas como populistas, dada a ignorância dos comentaristas da grande mídia, a fala da rua é de desconfiança do Estado.

O individualismo e o localismo, construídos na mente do cidadão estadunidense desde a Guerra Fria, uma visão do mundo somada no ditado popular “me first” (primeiro eu), ainda reina. É isso que leva as pessoas, normalmente mais sensatas, a ficar com medo e assim seguir a classe dominante numa tentativa de fugir da realidade com a compra de ouro, um investimento que contribui absolutamente nada para o bem comum.

Só o tempo vai mostrar se as centenas de bilhões de dólares do povo, dados para os bancos maiores, vão contribuir um pouquinho mais que a compra de ouro para resgatar o sistema financeiro do mundo, freando a trajetória de recessão da presente crise e minimizando seu impacto na maioria que não tem culpa nenhuma do egoísmo dos estadunidenses.

Clifford Andrew Welch é historiador do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, câmpus de Presidente Prudente.

A íntegra deste artigo está no “Debate Acadêmico” do Portal Unesp, no endereço

http://www.unesp.br/aci/debate/crise_clifford.php

Os deuses malditos e a relíquia macabra

REGINALDO CARMELLO CORRÊA DE MORAES

Uma parte dessa história já é bem conhecida: risco, euforia e pânico são filhos de situações em que há coincidência e condensação de incertezas. O chamado mercado de futuros é um exemplo acabado de tal cenário. Não por acaso, ele nasceu e cresceu vinculado a commodities agrícolas – a agricultura é, por natureza e também pela natureza, um foco de incertezas de várias espécies. O fato, porém, é que esse gênero de comportamento e negócio estendeu-se logo para todos os campos em que houvesse perspectiva econômica, isto é, possibilidade de lucro.

Um agricultor, um comerciante ou industrial propõem a outros indivíduos um sonho de ganhos futuros, incertos, mas suficientemente atrativos. Em troca, recebem o crédito para a aventura. [...] E comprometem-se a remunerá-los devidamente com dividendos, alegrias e festejos. Com o tempo, tais contratos ganham vida própria e se desvinculam da entrega daquela mercadoria, daquele vendedor e daquele comprador. Os papéis viram mercadorias, procurados por si mesmos, não exatamente por aquilo que representam em última instância.

Este modo de organização dos negócios encontrou sua máxima realização nos EUA, com a generalização da forma corporativa das empresas, as modernas sociedades anônimas. Não era e não é algo exclusivamente americano, nem, exatamente, uma planta nativa. Mas, de tal modo ali floresceu que foi identificada como especificamente ianque, tal como o “sistema americano de manufatura”, fundado na montagem de partes intercambiáveis que viria a ser conhecido, também, como... linha de montagem.

O modelo da bolsa, descrito epifanicamente por Walras para sondar as essências do mercado capitalista, encontrou sua realização mais viva na bolsa de Chicago, já no século XIX, e, claro, naquela pequena e famosa rua ao sul de Manhattan, onde se escreveram, desde os inícios do século XX, as maiores comédias, farsas, dramas e tragédias da humanidade capitalista. Wall Street poderia ser apenas uma foto na parede – mas como dói, diria, talvez, um Drummond nova-iorquino.

Por algum tempo, depois da experiência traumática dos anos 1930, corporações ianques (financeiras ou não) foram submetidas a regulações que as impediam de patrocinar aventuras sem nenhum lastro ou fraudes demasiado perigosas. Mas as circunstâncias mudam. Uma onda crescente de desregulações seguiu o gesto de Nixon, em 1971, quando sacramentou o fim das regras de Bretton Woods. A partir dali, as apostas estavam escancaradas e seriam cada vez mais ousadas – não apenas arbitrando contratos futuros e preços de commodities, ações industriais, mas as próprias moedas e as expectativas das expectativas, os derivativos e novos produtos financeiros, cada vez mais criativos e exóticos.

O que é que está nos “fundamentos” dessa furiosa corrida para a frente?

A riqueza, como a água, tem três estados: sólido, líquido, gasoso. Encarna no valor de uso intuitivo e brutal de um saco de trigo ou uma cabeça de gado. Ou num pedaço de papel que, reconhecido como equivalente universal, circula livremente por todos os canais, transfigurando-se em diferentes bens e serviços. E, para culminar, transforma-se em algo etéreo, que reencarna em



Daniel Patire

outras gerações. Assim como a crença em Deus e na eternidade, o contrato intertemporal do crédito e do lucro esperado pode viver em outra vida, mas afeta a vida presente, muito material e terrena, definindo o comportamento dos agentes. Cadáver adiado que procria, diria Pessoa. Com o risco de virar uma relíquia macabra.

[...] Na origem das maravilhas e, como de hábito, na raiz dos problemas, está algo tão simples como isso: o sucesso daquelas corporações americanas, na sua empreitada de invadir o mundo exterior e transformá-lo em sua casa. Já nos anos 1970, a “segunda economia do mundo” era o faturamento das filiais de corporações americanas no exterior, gerando lucros monumentais e reciclando-os em mercados bancários cada vez mais offshore, cada vez menos encaixáveis nas velhas regras de Roosevelt. [...] No final dos anos 1960, escancarava-se a revelação de que os americanos comiam mais do que produziam, viviam além de suas posses. Como conseguiram viver desse modo, quase 40 anos? Graças a um fato – e os fatos são feitos. Do Brasil à China, da Arábia Saudita a Israel; do Japão à Austrália, há investidores comprando papéis do governo e das empresas norte-americanas, fazendo depósitos com denominação em dólar e jogando para a frente as contas do cartão de crédito ianque.

Quem paga o curso dessa fantasia opulenta? E como? Talvez uma fábula antiga algo nos ensine a esse respeito.

Há cerca de três mil anos, Atenas era uma cidade-Estado de homens criativos, inteligentes e laboriosos (com a ajuda de mulheres e alguns escravos, por certo). Não eram guerreiros tão bons quanto os espartanos. [...] Mas Atenas foi

suficientemente forte e sobretudo hábil para envolver as cidades da Hélade numa liga devotada a combater os bárbaros, o perigo vermelho ou amarelo que vinha da Pérsia. [...]

Isso tinha um custo. Atenas devia receber anuidades – em ouro, alimentos, o que fosse. As outras cidades deviam também aceitar condicionalidades nas suas políticas domésticas – o tamanho e função dos exércitos, o número de navios, a extensão de suas exportações. Mais ainda: deviam regular seu crescimento demográfico, para não alterar as proporções existentes quando da assinatura do trato. Desse modo, a cada ano, em

cada cidade, algumas dezenas de virgens deveriam ser sacrificadas aos deuses de Atenas. [...]

No momento dessa implantação, Atenas, como dissemos, tinha homens sábios, criativos e laboriosos. [...] As gerações seguintes, cada vez mais deterioradas, foram se transformando em nababos preguiçosos, analfabetos, que

viam como natural a política da pura pilhagem.

Quando a bolha deixa de ser exceção e vira regra, o trabalho passa a ser malfeito, diz o sábio. Os papéis da bolsa, que haviam sido criados para estabilizar e dinamizar a economia real, dividindo e minimizando os efeitos dos riscos, transformaram-se num fator de risco cumulativo e exponencial. As virgens das demais cidades que se cuidem. Atenas vai aumentar a pressão.

**Investidores
compram papéis do
governo e das
empresas dos EUA.
Quem paga essa
fantasia opulenta?**

Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes é graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Campinas. A íntegra deste artigo está no “Debate Acadêmico” do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/deuses_carmello.php

Unesp inaugura Instituto Confúcio

Espaço se voltará para ensino do mandarim e intercâmbio cultural entre Brasil e China

A Unesp é sede do primeiro Instituto Confúcio no Brasil. A inauguração aconteceu no dia 26 de novembro, com o descerramento da placa do Instituto pelo reitor Marcos Macari e pela vice-ministra da Educação da China Tian Shulan, no auditório da Fundação Editora Unesp (FEU). “O Instituto se propõe a ser um centro de intercâmbio cultural entre os países”, ressaltou Macari.

O evento teve a presença do cônsul da China em São Paulo, Sun Rongmao, do presidente do Conselho da Universidade de Hubei, Luo Yonggen, do conselheiro cultural da embaixada chinesa,



A vice-ministro Tian Shulan e o reitor Marcos Macari, após o descerramento da placa

Shu Jianping, e do deputado federal Aldo Rebelo, entre outras autoridades.

O Instituto promoverá o ensino do mandarim e a compreensão da China

contemporânea. Ele está localizado no 4º andar do prédio da FEU, na Praça da Sé, em São Paulo. “À FEU coube o papel de executora do convênio que

originou esse centro cultural chinês em São Paulo”, ressaltou o diretor-presidente da Fundação, José Castilho Marques Neto.

As atividades do centro deverão começar no primeiro semestre de 2009, promovidas por professores da Universidade de Hubei. “Os cursos oferecidos são de extensão, ou seja, abertos para a comunidade”, explica Luis Antonio Paulino, responsável pelo projeto, junto com Marcos Cordeiro Pires, ambos docentes do curso de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências, câmpus de Marília.

FÍSICA

Livro inspira programa de TV



O livro *O discreto charme das partículas elementares*, de Maria Cristina Abdalla, docente do Instituto de Física Teórica, foi transformado em programa de televisão. Publicada pela Editora Unesp, a obra é a base do roteiro do programa homônimo que a TV Cultura transmitiu no dia 10 de novembro.

Na atração, Marcelo Tas atua

como um apresentador de TV. Ele leva Rafael (Giovanni Delgado), personagem principal, para uma viagem ao universo da Física. O programa utiliza a linguagem da dramaturgia para simplificar conceitos dessa área, como átomos e partículas elementares, tornando-os mais atrativos aos jovens, seu público-alvo.

CULTURA

Música marca Dia da Consciência Negra

No dia 17 de novembro, o Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (Nupe) promoveu a apresentação de danças e músicas afro-brasileiras na Reitoria. O evento, com o Grupo Okun, integrou as comemorações do Dia da Consciência Negra (20 de novembro).

A pró-reitora de Extensão Universitária, Maria Amélia Máximo de Araújo, destacou a data como marco da luta pelos direitos civis da população negra no Brasil. “Diferentemente do dia 13 de maio, em que comemoramos o fim da escravidão e agradecemos à princesa Isabel, o Dia da Consciência Negra foi uma conquista dos próprios negros”, disse Elisabete Aparecida Pinto, coordenadora da área técnica da saúde da população negra do município de São Paulo.



Apresentação de artista do Grupo Okun

LEITURA DINÂMICA

BRINQUEDOTECA

O projeto Brinquedoteca Móvel, realizado por estudantes do curso de Psicologia do Foculdode de Ciências e Letras, câmpus de Assis, recebeu em outubro apoio do Fundação Novo Américo. Foram adquiridos brinquedos e livros infantis para o projeto de extensão universitário conduzido no Sonto Coso de Misericórdia da cidade. Eles foram comprados com o dinheiro recolhido no espetáculo infantil *A casa encantada*, promovido pelo grupo de teatro da Fundação. **(Emanuel Ângelo Nascimento, bolsista Unesp/Universo/FCL/Assis)**

JOVEM PESQUISADOR

Em outubro, o aluno Leandro Guedes Aguiar, do curso de Administração do Unesp de Tupã, participou do XVI Jornada de Jovens Investigadores no Universidade do Repúblico, em Montevideu, Uruguai. O evento foi organizado pelo AUGM (Associação de Universidades do Grupo Montevideu) e pela instituição uruguaio. Aguiar, orientado pelos docentes Gessuir Pigotto e Giuliano Aporecido Sontini Pigotto, apresentou o trabalho *Análise de preços da mandioca no Brasil*. **(Ana Eliza Pimenta Moreira, bolsista Unesp/Universo/Tupã)**

CONGRESSO DE ESTUDANTES

De 17 a 19 de outubro, foi realizado no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Iblice), câmpus de São José do Rio Preto, o XX Congresso dos Estudantes do Unesp e Fotec (Ceuf), que reuniu cerca de 150 participantes. O congresso teve como objetivo básico decidir e avaliar os diretrizes do movimento estudantil. “A principal importância de receber o Congresso no nosso câmpus é o facilidade proporcionado

poros os estudantes participarem e se inteirem sobre o que ocorre no Universidade”, disse o presidente do Diretório Acadêmico do Iblice, Adriano Brant Fovorin. **(Mariani Bertholini Ferreira, bolsista Unesp/Universo/Iblice/São José do Rio Preto)**

EDUCAÇÃO MÉDICA

Em setembro, por iniciativa dos alunos do Foculdode de Medicina, câmpus de Botucatu, foi criado o Núcleo Acadêmico de Pesquisa em Educação Médico (Nopem), vinculado ao Centro Acadêmico Pirojô da Silvo (CAPS). O Núcleo deverá desenvolver pesquisas a respeito do ensino de Medicina, contribuindo para o seu melhor em Botucatu. “Pretendemos produzir material científico para publicações, colaborando com o discussão o respeito do ensino médico e compartilhando os projetos adotados no FM com os demais universidades”, informou o coordenador Pedro Tadao Homomoto Filho. **(Natália Travesnik, bolsista Unesp/Universo/FM/Botucatu)**

PROFESSOR EMÉRITO

Ocorreu, em outubro, o sessão solene do Congregação para outorga do título de Professor Emérito a docentes do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro. O evento, realizado no Centro Cultural Roberto Polmori, homenageou os docentes Lívio de Oliveira (Geografia), Notivo Viano Pereiro Bertolo (Matemática), Heitor Gurgulino de Souza (Física), José Bezerra Leite (Ciências da Computação) e Marcos Aurélio Forios de Oliveira (Geologia). **(Edson Felinto dos Santos Junior, bolsista Unesp/Universo/IGCE/Rio Claro)**

JUBILEU DE OURO

A Congregação do Foculdode de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, reuniu-se em outubro para

o início das comemorações do Jubileu de Ouro, que celebra os 50 anos da instituição, em 2009. O evento incluiu o reinauguração do Anfiteatro II, que possui o ser denominado “Mestre Xidieh”, em homenagem a Oswaldo Elio Xidieh, ex-docente do Foculdode de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, que, ao ser inaugurado em 13 de janeiro de 1959, doou os primeiros passos que levaram à atual unidade do Unesp. **(Fabrício Silva Assumpção, bolsista Unesp/Universo/FFC/Marília)**

ATIVIDADE ARTÍSTICA

O Câmpus do Litoral Paulista, em São Vicente, valoriza as habilidades artísticas dos alunos que tiveram mais contato com essas manifestações no período anterior à Universidade. Após os estudos, são promovidas atividades que envolvem grande porte dos estudantes do Unidade. Ano Lúcio Chung, quortonista do curso de Ciências Biológicas, ministra aulas de desenho. “Os temas são voltados para o ócio da Biologia e é dada a ênfase na sua utilização como ferramenta didática”, diz. **(Ciro Assahira, bolsista Unesp/Universo/CLP/São Vicente)**

ENGENHARIA

Após processo seletivo aberto o todo Brasil, o aluno Gerson Hiroyuki Sumitomo, do Foculdode de Engenharia (FE), câmpus de Bauru, foi escolhido para um programa de mestrado no Universidade da Coréia, financiado pela empresa LG. Formando do curso de Engenharia Elétrica, ele já participou de um programa de intercâmbio no Áustria, graças a um acordo entre o Unesp e esse país europeu, coordenado pelo professor Augusto Ronchi Junior, do FE. **(Aline Patrícia Machado, bolsista Unesp/Universo/FE/Bauru)**

Comissão de Ética inicia atividades

Renata Coelho

Empossada em novembro, equipe vai orientar e prestar consultoria a toda Universidade

A Comissão de Ética da Unesp iniciou suas atividades no dia 12 de novembro, com a posse dos membros do grupo. A reunião ocorreu no prédio da Reitoria, com a participação do reitor Marcos Macari. “Nosso objetivo é orientar e prestar consultoria a toda comunidade da Unesp”, explica o presidente da comissão, William Saad Hossne, docente da Faculdade de Medicina, câmpus de Botucatu.

Segundo o professor, o objetivo da comissão não é punir nem fiscalizar. “Para isso existem regimes disciplinares”, destaca o médico, uma referência em ética no País. Na primeira reunião, foram estabelecidas algumas metas baseadas no Código de Ética da Unesp. “Já instituímos um fluxo de trabalho, com a realização de ciclos de palestras nas unidades sobre fraudes científicas e de ensino e sobre a ética de valores em sala de aula e no ambiente de trabalho, entre outros”, acrescenta Hossne.

A formação da comissão teve início com a instalação do Código de Ética, em 2007. “O objetivo do código não é apresentar normas legalistas, mas tratar de juízos de valor e conceitos que dizem respeito aos servidores em geral”, diz o docente da FM. Uma parte espe-



A comissão, com Hossne ao centro: palestras nas Unidades abordarão fraudes científicas e de ensino, e a ética em sala de aula e no ambiente de trabalho

cífica do código diz respeito aos docentes, outra aos não docentes, ao alunado, aos dirigentes, e às fundações e assuntos de interesse da Universidade.

A comissão, que se reunirá a cada dois meses na Reitoria, é constituída por sete membros titulares e respec-

tivos suplentes, sendo cinco docentes, um representante dos servidores técnico-administrativos e um representante dos alunos, que ainda não foi indicado. (Veja quadro.)

O Código de Ética da Universidade pode ser consultado no Portal Unesp,

no endereço http://www.unesp.br/aci/codigo_etica-UNESP.pdf. Oportunamente, será divulgado um e-mail institucional por meio do qual a comunidade poderá encaminhar à comissão suas consultas, denúncias ou representações.

Renato Coelho

Titulares	Unidade	Suplentes	Unidade
Docentes		Docentes	
William Saad Hossne (Presidente)	FM/Botucatu	Ana Elizabete Silva	Ibilce/São José do Rio Preto
Clodoaldo Meneguello Cardoso	Faac/Bauru	Rosa Maria Feiteiro Cavallari	IB/Rio Claro
Sérgio Roberto de Andrade Leite	IQ/Araraquara	Ubaldo Silveira	FHDSS/Franca
Carlos Amadeu Leite de Oliveira	FCAV/Jaboticabal	Helen Barbosa Raiz Engler	FHDSS/Franca
Antonio Trajano Menezes Arruda	FFC/Marília	Alonso Bezerra de Carvalho	FCL/Assis
Servidor técnico-administrativo		Servidor técnico-administrativo	
Reinaldo Cervati Dutra	Bauru	Maria Regina Brauna Batista	FO/São José dos Campos

EXTENSÃO

Curso orienta sobre finanças pessoais

De 4 a 6 de novembro, vinte docentes de diferentes Unidades da Unesp participaram do curso Educação Financeira: Gestão Financeira Pessoal, oferecido pela UniBacen (Universidade do Banco Central do Brasil). As aulas ocorreram no Grand Hotel Ca'd'Oro, na capital paulista.

“Essa experiência faz parte de uma estratégia do Banco Central para capacitar multiplicadores sobre uma cultura voltada para a saúde financeira do cidadão”, afirma Vital Fagundes, analista da instituição. Fagundes ministrou as aulas com Sabrina Sorgi, analista da Regional do banco em São Paulo, fornecendo aos professores ferramentas para gerir receitas e despesas pessoais e de outros projetos.

O curso é uma realização da Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex).

Daniel Patire



Aula na Hotel Ca'd'Oro: iniciativa da Banca Central

Na abertura dos trabalhos, a pró-reitora Maria Amélia Máximo de Araújo salientou a importância da educação financeira para os servidores, docentes e alunos da Universidade, como forma de lhes garantir o bem-estar.

Segundo Loriza Lacerda de Almeida, assessora da Proex, já estão programadas atividades para que, em 2009, os professores que participaram do curso transmitam o conteúdo para a comunidade unespiana.

PARCERIA

Universidades lançam Grid Educacional

No dia 6 de novembro, foi lançado na sede da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), na capital paulista, o projeto Grid Educacional, voltado para a criação de uma rede de laboratórios virtuais com grande capacidade de processamento de dados. A iniciativa envolve o Centro Regional de Análise de São Paulo (Sprace), as universidades públicas paulistas – Unesp, USP, Unicamp, UFABC, UFSCar – e a Universidade Internacional da Flórida, Miami (EUA). Também integram a parceria as empresas multinacionais Intel, Kingston, Seagate e SGI.

O Sprace, que reúne físicos de várias instituições e participa do processamento de dados em física de altas energias, elaborou o projeto e contou as empresas, que doaram o maqui-

Daniel Patire



Navaes: rede com grande capacidade de processamento de dados

nário para as atividades de treinamento na área de computação distribuída.

A fase seguinte do Grid Educacional será a instalação dos servidores em laboratórios das universidades participantes, em diferentes pontos da região metropolitana de São Paulo. Segundo Sérgio Navaes, coordenador do Sprace e professor do Instituto de Física Teórica da Unesp, a rede poderá ser ampliada para englobar outras instituições interessadas.

GEOGRAFIA

Japoneses em Ourinhos

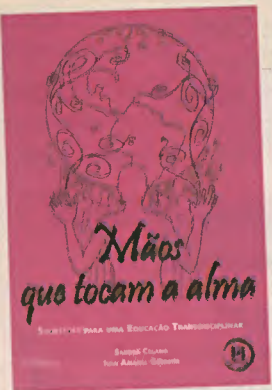
A aluna do quinto ano de Geografia da Unidade de Ourinhos Evelise da Silva Cunha é co-autora de uma obra que retrata a presença dos imigrantes japoneses na cidade. A publicação, que comemora o centenário da imigração nipônica, tem como outros co-autores Tatiana Oliveira, Marco Aurélio Gomes e Neusa Fleury Moraes. Gomes e Neusa são também os coordenadores da obra. O livro aborda a organização social dos imigrantes japoneses e seus descendentes no município, as tradições culinárias da cultura nipônica e a presença dos japoneses no esporte do município. Além dos textos, o livro traz fotografias e relatos de entrevistas com imigrantes e descendentes radicados na cidade.

Acervo Tutomu Hayashido



Um olhar sobre a presença japonesa em Ourinhos — Neusa Fleury Moraes e Marco Aurélio Gomes (coordenadores); Evelise do Silvo Cunha, Marco Aurélio Gomes, Neusa Fleury Moraes e Tatiana Oliveira (pesquisa e redação); Associação Esportiva e Cultural de Ourinhos e Secretaria de Cultura Municipal de Ourinhos; 56 páginas. Informações: (14) 3302-3344. Distribuição gratuita.

Ilustração de Bete Branco



Mãos que tocam o alma: sugestão poro uma educação transdisciplinar — Ivan Amaral Guerrini e Sandra Celano; Editora Triom; 252 páginas; R\$ 35.

EDUCAÇÃO

Novas dimensões

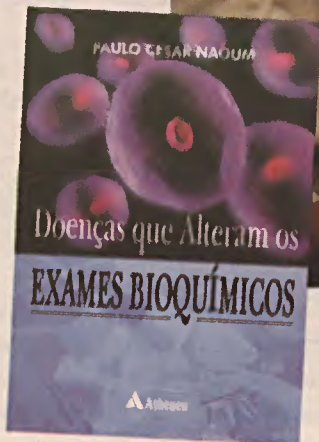
O físico Ivan Amaral Guerrini, docente do Departamento de Física e Biofísica do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Botucatu, e a psicoterapeuta Sandra Celano divulgam neste livro um processo educativo baseado em associações de saberes, relacionados à arte, ao lúdico e às dimensões do ser humano. “A transdisciplinaridade segue as idéias de pensadores como Paulo Freire, Leonardo Boff, Pedro Demo, Edgar Morin”, explica Guerrini. O docente destaca que os educadores devem utilizar novas propostas pedagógicas, levando em conta o aspecto questionador dos jovens. A Educação Transpessoal proposta considera a coexistência e o impacto vibracional de todas as dimensões humanas — física, emocional, mental e espiritual — na dinâmica social e nos relacionamentos. O livro contempla um caderno de exercícios com sugestões de aplicação da educação transdisciplinar em sala de aula.

BIOMEDICINA

As moléstias e os exames

Em *Doenças que alteram os exames bioquímicos*, o biomédico Paulo César Naoum, docente do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, câmpus de São José do Rio Preto, busca auxiliar a leitura dos principais exames bioquímicos do sangue. “Explico, do ponto de vista fisiológico, as alterações bioquímicas que as doenças provocam no sangue”, afirma. Há, ainda, ilustrações e gráficos que auxiliam as interpretações. Segundo o docente, as células lesionadas de um órgão doente despejam no sangue elementos não usuais, que são quantificados pelo exame bioquímico. “O exame bioquímico apresenta uma primeira triagem da situação do doente, daí a importância de oferecer suporte ao profissional de saúde para a identificação do problema”, explica o docente, assessor da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 1988 a 1992.

Eliana Assunção



Doenças que alteram os exames bioquímicos — Paulo César Naoum; Atheneu Editor; 168 páginas; R\$ 67. Informações: 0800-267753 ou www.atheneu.com.br

POESIA

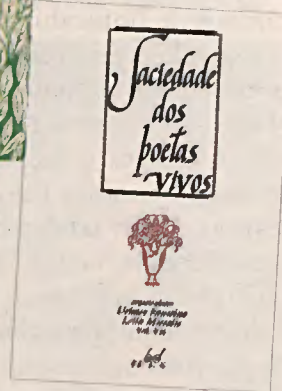
Versos com vida

Poeta e biólogo, Sidnei Olivio, funcionário do Departamento de Zoologia e Botânica do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto, é um dos escritores que integram a antologia *Saciedade dos poetas vivos digital* nº 7, organizada pela escritora Leila Miccolis e pelo poeta Urhacy Faustino. “Não esperava que meus poemas fossem publicados ao lado de textos de autores consagrados, como Alice Ruiz e Ulisses Tavares”, diz. O escritor, que foca sua obra na biologia dos animais, tem dois livros de poesias editados em co-autoria: *Zoopoesias*, lançado

Mocoro, Aldenir Martins



em 1999 pela Editora Rio-pretense; e *Poesia animal*, de 2003, editado pela Serna. Olivio também mantém o blog Zoopoesia e acaba de lançar um blog de prosa, intitulado Proseares (<http://proseares.zip.net/>).

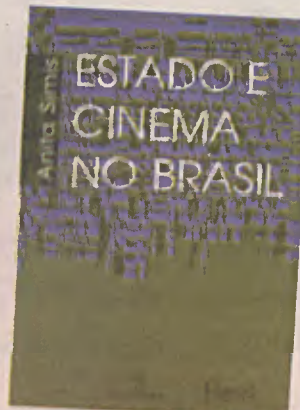


Sociedade dos poetas vivos digital nº 7 — Publicação digital organizada por Leila Miccolis e Urhacy Faustino. A antologia pode ser acessada pelo site www.blocosonline.com.br

SOCIOLOGIA

A crise nas telas

As razões que impediram a concretização da indústria cinematográfica no Brasil é o tema deste livro de Anita Simis, que atinge a segunda edição. Docente do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara, ela se remonta à história do cinema nacional desde o fim do século XIX até o início do governo militar de 1964, privilegiando o aspecto político-institucional. Mostra, assim, a complexidade da relação entre Estado e cinema no Brasil, estabelece uma comparação entre o período autoritário e o democrático, e revela por que o Estado brasileiro se organizou e o cinema não. O trabalho, que foi premiado pelo programa Rumos Pesquisa Gestão Cultural 2007-2008, nasceu da tese de



doutorado em Ciência Política, defendida em 1993, na USP. “A premiação do Rumos produz um reconhecimento perante a comunidade acadêmica e abre novas perspectivas de trabalho”, diz a autora.

Estado e cinema no Brasil — Anita Simis; Editoro Annoblume; 312 páginas; R\$ 40. Informações: (11) 3031-1754, www.onnoblume.com.br

Cena do filme Vidas secas



O historiador e sua época

Obra reúne textos que discutem influência do tempo presente na reflexão sobre o passado

OSCAR D'AMBROSIO

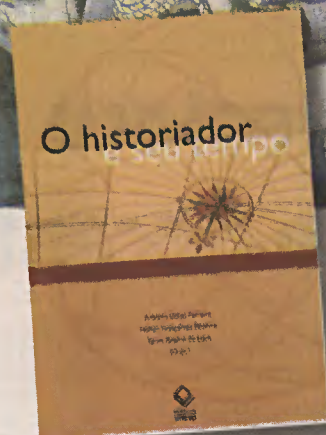
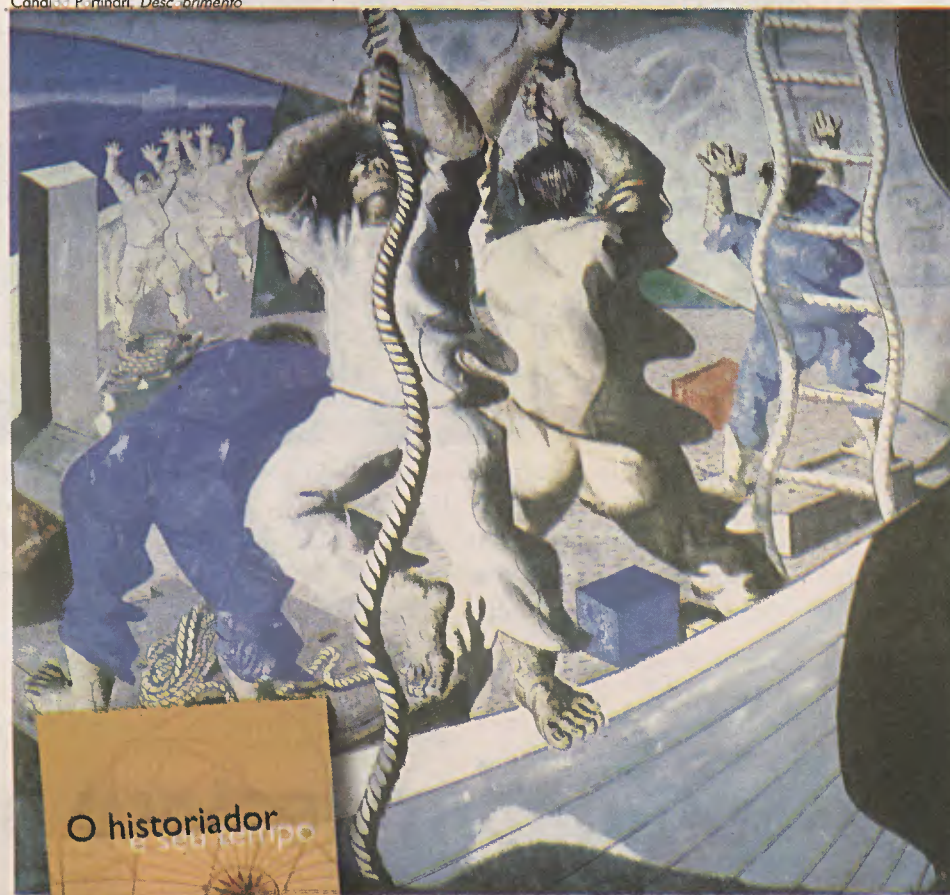
Palavra originária do grego, *história* está ligada a testemunho, a algo que, de alguma maneira, é visto. Existem nesse processo elos entre o tempo e o espaço, principalmente quando se busca contar e analisar eventos do passado.

É justamente o diálogo do historiador com seu tempo o cerne deste livro, que surge das reflexões do XVIII Encontro Regional de História da Associação Nacional dos Professores Universitários de História – São Paulo (ANPUH-SP), realizado em 2006, na Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis.

A obra, organizada por Antonio Celso Ferreira e Tânia Regina de Luca, docentes da FCL, e Holien Gonçalves Bezerra, da Universidade Federal de Goiás, discute questões historiográficas, metodológicas e teóricas ligadas ao pensar, escrever e fazer história.

Ferreira destaca a transformação da história em indústria cultural e seus desdobramentos em termos de modos de produção, sujeitos, práticas, mercados, produtos e valores. Ele ressalta o pensamento de Vilém Flusser, para quem “nosso trabalho, nosso saber, nossa saúde, nossa comunicação, nosso ritmo, nossa morada, nossas imagens, nosso jogo, nosso divertimento, nosso relacionamento, nosso receio” tendem a se tornar rapidamente mutantes.

Cândido Portinari, *Descobrimento*



O historiador e seu tempo — Antonio Celso Ferreira, Holien Gonçalves Bezerra e Tânia Regina de Luca; Fundação Editora Unesp; 240 páginas; R\$ 39,00. Informações: (11) 3242-7171.

Uma prova desse dinamismo do pensamento é Maria Stella M. Bresciani. Autora de *O charme da ciência e a sedução da objetividade*, lançado pela Editora Unesp em

2005, ela relaciona Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, numa discussão sobre os projetos políticos do Brasil.

Emília Viotti da Costa, em ho-

menagem aos 40 anos de edição do seu livro *Da senzala à colônia*, que consta do catálogo da Editora Unesp, situa a publicação em sua época de produção. A contribuição de Emília à historiografia é analisada por Rafael de Bivar Marquese e Cristina Wissembach, da USP.

Da mesma instituição, Maria de Lourdes Mônaco Janotti enfoca a imprensa e o ensino na ditadura brasileira, enquanto Tânia de Luca focaliza a *Revista do Brasil* de 1916 a 1944. Márcia Mansor D'Alessio, da PUC-SP, discorre sobre os conceitos de imprensa, história e historiografia.

A história das lutas feministas é o assunto de Margareth Rago, da Unicamp. Joana Maria Pedro, da Universidade Federal de Santa Catarina, trata da divisão sexual do trabalho, enquanto Lídia Possas, da Unesp de Marília, encerra seu texto com a reflexão “uma mulher deve ter direito de escrever a sua história e a de muitas outras mulheres, revendo as narrativas e captando outro Tempo”.

Os dois textos que encerram o volume tratam do ensino de História. Helenice Ciampi, da PUC-SP, reflete sobre os elos entre os saberes do professor, das ciências da educação e das áreas de conhecimento. Maria Carolina Bovério Galzarani, da Unicamp, estuda a produção de saberes históricos escolares, valorizando as memórias do passado como forma de reinventar o presente.

ARTES

Linguagem, do teatro às artes plásticas

Tese aproxima dois campos de expressão focalizando relação humana com o tempo e o espaço

A arte envolve um processo de educação do olhar voltado para a discussão do espaço e a superação da distinção rígida entre o ator e o público. Surge assim uma pluralidade de possibilidades, significações e aprendizados. Instaura-se um jogo do qual o espectador de teatro ou o observador de um quadro participa dentro de determinadas regras.

Repensar as relações entre teatro e artes plásticas concebendo as duas manifestações como reflexo da interação do homem com o tempo e o espaço é o desafio deste livro, resultado da tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da USP por Carlos Avelino de Arruda Camargo.

Professor da Universidade Anhembi Morumbi, Camargo parte da premissa de que teatro e artes plásticas buscam a superação da mera representação da vida.

Os melhores momentos do livro são a análise do quadro *A tela bran-*



Do lugar de onde se vê: aproximações entre as artes plásticas e o teatro — Carlos Avelino de Arruda Camargo; 104 páginas; Fundação Editora Unesp e Fundação Nacional das Artes (Funarte); R\$ 24,00. Informações: www.editoraunesp.com.br ou telefone (11) 3242-7171.

ca, de 1951, do pintor Rauschenberg, e da peça *O grande teatro do mundo* (1635), de Calderón de la Barca. Ao cruzar as linguagens desses dois gêneros de arte, o autor pretende estudá-los como expressões que se aproximam, apesar de suas especificidades.

A obra interpreta a arte e os “mundos possíveis” por ela criados como universos em permanente construção. Em seguida, discute funções e potencialidades das duas linguagens e se volta para a construção do conceito de Estado Cênico, que relaciona os conceitos antes expostos.

Com base nos filósofos Friedrich Schiller e Hans-Georg Gadamer, Camargo repensa o teatro não apenas como ação no palco, mas, acima de tudo, como um mecanismo de desenvolvimento da educação do olhar por meio da arte, num denso jogo entre o que se representa no palco e o que se produz plasticamente no espaço.

O.D.

Equipe de Sorocaba vence Desafio Sebrae

Disputa reuniu 94 mil alunos de todo o País e envolveu gestão de empresa de calçados femininos

A equipe Costela no Bafo, formada por estudantes do câmpus de Sorocaba, venceu a etapa final do Desafio Sebrae 2008. Nos dias 15 e 16 de novembro, em Brasília, eles disputaram a última fase do concurso com outros sete grupos. Desde o início do concurso, cuja meta foi a gestão virtual de uma empresa de calçados femininos, os estudantes da Unesp enfrentaram cerca de 94 mil universitários de todo o país.

Os cinco universitários receberam como prêmio uma viagem a Barcelona, na Espanha. A cerimônia de premiação aconteceu no dia 17, no Memorial JK. A equipe é formada por Rafael de Souza Nars, Rodrigo da Silva e Sérgio Alves, do curso de Engenharia Ambiental; e por Érico Ciancio e Bruno Rodrigues, de Engenharia de Controle e Automação.

O presidente do Conselho Deliberativo Nacional do Sebrae, senador Adelmir Santana, destacou

Davi Zocoli/ASN



A comemoração das vencedoras do Desafio Sebrae 2008, na Memorial JK, em Brasília (da esq. para a dir.): Sérgio Alves, Rafael Nars, Bruno Rodrigues, Rodrigo da Silva e Érico Ciancio receberam como prêmio uma viagem para Barcelona, na Espanha

sua alegria pela continuidade do Desafio Sebrae que, em 2009, completará dez anos. "Esse projeto atende o objetivo de disseminar o empreendedorismo pelo Brasil", ressaltou.

O presidente do Sebrae, Paulo Okamoto, lem-

brou que quase 500 mil estudantes já participaram do jogo virtual. "Com o Desafio, a gente percebe que outro Brasil está sendo construído com o trabalho desenvolvido nas universidades", assinalou o dirigente.

HISTÓRIA

Ex-aluno é premiado no Educador Nota 10

Herivaldo Alves Pereira (foto), ex-aluno de graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, recebeu o Prêmio Educador Nota 10, concedido pela Fundação Victor Civita, pelo seu projeto Diversidade Cultural e Intercâmbio Postal. A proposta estimulou a troca

Divulgação



de informações sobre temas históricos entre alunos da 7ª série da rede estadual de ensino de Bertioga, litoral de São Paulo, e alunos da Universidade de Macau, na China.

Pereira teve a idéia de mostrar a seus alunos que a expansão marítima lusitana alcançou outras partes do mundo. Orientados pelo docente, os estudantes trocaram informações com colegas da Universidade de Macau, por meio de cartões-postais e cartas. Dessa forma, eles trabalharam questões relacionadas à identidade cultural e perceberam as diferenças e semelhanças entre a história local e a geral. Localizada no sudeste da China, Macau foi colonizada pelos portugueses em 1557.

Emanuel Ângelo Nascimento

Bolsista Unesp/Universia/FCL/Assis

PRÊMIO

Santander destaca projetos de estudantes e docentes da Unesp

Projetos de docentes e alunos da Unesp ganharam projeção em duas modalidades do Prêmio Santander 2008. Os professores José Márcio Machado e Mário Luiz Tronco, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, câmpus de São José do Rio Preto, foram finalistas da etapa nacional do Prêmio Santander de Ciências e Inovação, categoria Tecnologia da Informação e Comunicação, representando a Região Sudeste, em evento promovido na cidade de São Paulo, em novembro. Eles desenvolveram um dispositivo aplicado ao teclado do computador que permite a deficientes visuais ler textos na Internet sem usar impressoras especiais ou recursos de voz.

Empresa – Um grupo de estudantes do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes, câmpus de São Paulo, criou uma empresa de difusão de trabalhos artístico-científicos, batizada de Júnior Artes (AJA). Para isso, seus integrantes registram manifestações culturais brasileiras, por meio de recursos como fotografias, vídeos e materiais gráficos.

A equipe participou da final nacional do Prêmio Santander de Empreendedorismo 2008, na capital paulista, em outubro. Formam o grupo os estudantes Gustavo Brognara, Mariana Benatti, Karina Nakahara, Felipe Ikehara, Viviane Tabach, Daniel Lie e Daniele Desierrê. Eles têm a orientação do docente Pelópidas Cypriano.

Dello Rocco



Machado (dir.): finalista da Prêmia de Ciências e Inovação

Daniel Patire



O grupo AJA: Cypriano (esq.), Brognara, Mariana, Lie e Ikehara



EVENTOS

Encontro de pós-graduação

Pós-graduandos da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) de Jaboticabal organizam, dias 3 e 4 de dezembro, no Centro de Convenções da unidade, o V Encontro de Pós-Graduandos. O objetivo é estimular a integração científica e cultural entre os pós-graduandos e docentes do câmpus e de outras unidades, divulgando resultados de pesquisas recentes e discutindo assuntos de interesse científico. "Além de divulgar os trabalhos científicos, discutiremos temas importantes que geram dúvidas, como Currículo Lattes; estágios fora do país; como escrever um bom projeto de pesquisa, uma boa dissertação ou tese; linhas de fomento de pesquisa no país e a importância do desenvolvimento da pesquisa", acrescenta Poliana de Castro Melo, uma das organizadoras do evento. Informações: www.fcav.unesp.br

- 5/12 - Araçatuba.** Encerramento de inscrições de mestrado e doutorado em adontologia preventiva e social. Informações: (18) 3636-3250, (18) 3636-3249, pasgrad@faa.unesp.br e secdas@faa.unesp.br
- 5/12 - Araraquara.** Palestra "Políticas públicas para educação ambiental". Na auditória da SENAC, Rua Jaça Gurgel, 1935. Informações: (16) 9719-4803.
- 5/12 - Bauru.** Encerramento da Processa Seletiva da Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência (mestrado e doutorado). Informações: www.fc.unesp.br/PasCiencia/, (14) 3103-6077 ou pgfc@fc.unesp.br
- 5/12 - Botucatu.** Sessão solene de colação de grau da XXVIII turma de Zootecnia e XII turma de Medicina Veterinária da FMVZ. Na Ginásia Poliesportiva.
- 6/12 - São José da Ria Preta.** Término da curso de extensão Arte e Educação: vivência prática de linguagem visual para a formação de educadores. Na câmpus. Inscrições até 31/10. Informações: (17) 3235-9089.
- 9/12 - São Paulo.** Palestra "Ética na administração pública". Na sala da Canselha Universitária. Informações: (11) 5627-0340.
- 10/12 - Botucatu.** Encerramento das inscrições para aficinas de botânica e genética destinadas a alunas da ensina média. Na câmpus. Informações: Prata, Adriane Waska (14) 3811-6229, awaska@ibb.unesp.br
- 10/12 - Guaratinguetá.** Encerramento da Workshop de Relações Saudáveis. Na sala de tese (512). Informações: Stella Staut, stella@feg.unesp.br
- 10/12 - Presidente Prudente.** Defesa da Dissertação de Mestrado *Cidades febris entre a serra e a mar: clima e dengue na área metropolitana da Baixada Santista*, de Ademilson Damascena. Às 14h. Na Anfiteatro V. Informações: Márcia, (18) 3229-5352.
- 10 a 12/12 - São José das Campas.** XII International Sodebras Congress. Nas salas de convenções e congressas da Blue Tree Towers Hotel. Informações: www.sadebras.com
- 11/12 - Bauru.** Encerramento de inscrições para processa seletiva que aferece uma vaga de aperfeiçoamento em Ortopedia Pediátrica. Na Centra de Estudos e Pesquisas da Hospital Estadual Bauru. Informações: www.heb.bauru.unesp.br, (14) 3103-7777 ramal 3366.
- 11/12 - São Paulo.** Término da Curso de Especialização em Negociações Econômicas Internacionais da UNESP, cam apaia da Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da UNESP, Unicamp e PUC/SP. Informações: relinter@reitoria.unesp.br e (11) 3101-0027/3308.
- 12/12 - Assis.** Encerramento - Shaw Musical. Na FCL. Informações: (18) 3302-5801, diretar@assis.unesp.br
- 12/12 - Botucatu.** Solenidade de colação de grau das concluintes de 2008 - XI turma de Agranamia e XVII turma de Engenharia Florestal. Às 19h. Na Ginásia Poliesportiva. Informações: (14) 3811-7130, da@fca.unesp.br
- 15 a 19/12 - Jaboticabal.** XIX Curso de Brucelose e Tuberculose Animal. Na departamenta de Medicina Veterinária Preventiva. Informações no site: www.funep.com.br/eventas
- 16/12 - Presidente Prudente.** Defesa de Tese de Doutorado *Práxis e dinâmica territorial da luta pela moradia: Articulações, contradições e possibilidades na âmbita da conflita capital X trabalho*, de Fernanda Keika Ikuta. Na anfiteatro da Fundacte. Informações: Márcia (18) 3229-5352.
- 17/12 - Presidente Prudente.** Defesa de Tese de Doutorado *O Lugar Social da Fisioterapia*, de Ana Lucia de Jesus Almeida. Na Anfiteatro II. Informações: Márcia, (18) 3229-5352.
- 17/12 - Presidente Prudente.** Defesa da Dissertação de Mestrado *As concepções de professores de matemática de 5ª série da ensina fundamental sobre sua prática e as resultados da Saresp 2005*, de Laura Maria Corrêa. Na Anfiteatro I. Informações: Márcia, (18) 3229-5352.
- 18/12 - Presidente Prudente.** Defesa da Dissertação de Mestrado *Avaliação e dinâmica da mercado de trabalho formal e das relações de trabalho em Presidente Prudente: subsídios para a compreensão da dinâmica regional através da trabalho e da empresa formal*, por Nilda Aparecida de Mela. Na Anfiteatro II. Informações: Márcia, (18) 3229-5352.
- 19/12 - Ilha Solteira.** Sessão solene de colação de grau da IV turma de licenciatura em Física e Matemática às 18h. Na quadra central câmpus I. Informações: (18) 3742-3627 ou saepe@adm.feis.unesp.br
- 19/12 - Botucatu.** Sessão solene de colação de grau das concluintes das cursos de Ciências Bialógicas e Nutrição. Às 17h. Na Ginásia Poliesportiva. Informações: (19) 3526-4100

2009

- 9/01 - Ourinhos.** Colação de grau das concluintes da II turma de bacharelada em Geografia. Na Calégia Santa Antonia. Informações: julia@aurinhas.unesp.br
- 9 a 15/02 - Botucatu.** Curso de verão: Métadas matemáticas em biologia de populações II. Na câmpus. Informações e inscrições até 10/01/2009, <http://www.ift.unesp.br/users/krakenel/biamat.html>

Informações para esta agenda: fabianam@reitoria.unesp.br

Erramos:

- Na reportagem "A Unesp e as desafios da pré-sal", publicada nas páginas 8 e 9 da edição 239 do **Jornal Unesp**, as estimativas corretas das reservas da camada pré-sal são de 30 bilhões a 80 bilhões de barris de petróleo, e não de 30 bilhões a 300 bilhões, como foi informado na infográfica. Na mesma reportagem, a distância da pré-sal em relação à costa é de 250 km, e não de 400 km, como foi registrada no texto.
- Ainda na edição 239 do **Jornal Unesp**, a endereço correto da texto das professores Elias José Siman e Alessandra Antanangela publicada na *Partial Unesp* é http://www.unesp.br/aci/debate/agranegocia_eliass.php

O OUVIDOR FALA



A magna gestão Macari

JOSÉ RIBEIRO JÚNIOR

No último mês de uma gestão reitoral marcante na história da Unesp, pensamos ser justo registrar os principais benefícios recebidos por nossa comunidade. Cremos expressar o reconhecimento comunitário ao agradecer o trabalho exemplar do professor Marcos Macari à frente de uma excelente equipe. Construindo uma carreira acadêmica das mais vicejantes, ele passou por muitos órgãos colegiados da Universidade e funções de chefia e coordenação de curso de Pós-Graduação. Assumiu, posteriormente, a função de pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, aprofundando o seu conhecimento da realidade unespiana. Eleito reitor na gestão a seguir, colocou em prática seu talento e incansável dedicação ao trabalho.

Ouvindo e observando sua relação com a coletividade e, sobretudo, na presidência do Conselho Universitário, constatamos uma forma franca e inovadora de interação. Percebemos uma liderança consentida e o diálogo como regra, ocorrendo um verdadeiro resgate institucional pela valorização dos colegiados, dos dirigentes e representantes das unidades universitárias e um contato digno e mais constante com as autoridades e instituições do Estado. Seu apoio ao vice-reitor Herman Voorwald nas eleições foi aberto e inusitado. Esse conjunto de procedimentos e habilidades de Macari marca nova etapa na Unesp.

Entre as conquistas da gestão, destacamos duas: o funcionamento de fato da Ouvidoria na Unesp e a elaboração do Código de Ética, cuja

Comissão foi nomeada e empossada em novembro. Esses dois órgãos representam a garantia fundamental de estabilidade participativa e moral de nossa Universidade.

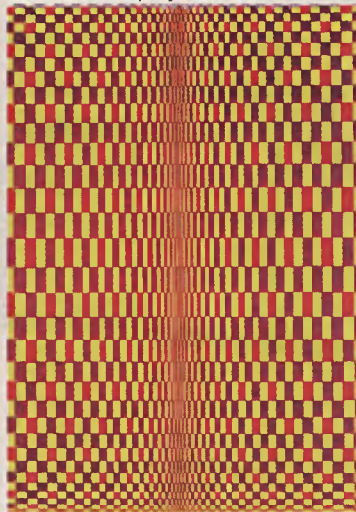
No plano material, o reitor encontrou uma situação adversa. Renegociou e regularizou dívidas. Capitaneou a mudança da sede da Reitoria da Alameda Santos (aluguel de quase R\$ 300 mil reais por mês), para a Rua Quirino de Andrade, adquirindo um imóvel tornado funcional. O prédio foi comprado com financiamento bancário cujas parcelas mensais eram bem menores do que o aluguel e, conforme noticiado, já foi quitado. É patrimônio da Unesp e os gastos

com aluguel transformam-se em recursos para o ensino e a pesquisa. Houve significativa contratação de professores e foram fixados novos parâmetros com a implantação da avaliação docente.

Não bastasse a especial visão empreendedora do reitor e o trato probado das verbas públicas, teve a ventura de ver aumentar a arrecadação do ICMS nos dois últimos anos. Promoveu o pagamento de precatórios que se arrastavam por anos. O "gatilho" está sendo liquidado. Um bem planejado programa de construção de várias unidades está sendo concluído com a entrega das instalações. E a base para outras edificações está arquitetada.

Por tudo o acima mencionado, embora apenas parte do que foi realizado, o título protocolar transforma-se em adequado adjetivo para homenagear o magnífico reitor Marcos Macari.

Luís Sacilotto, Composição abstrata



unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari
Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
Prá-reitor de Administração: Julio Cezar Durigan
Prá-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
Prá-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
Prá-reitor de Pesquisa: José Arana Varela
Prá-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
Secretária-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende
Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza
Pracuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
Assessoria de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbinati
Diretores/Caordenadores-executivos das Unidades Universitárias: Pedro Felício Estrada Bernabé (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araraquara), José Claudio Martins Segalla (FO-Araraquara), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araraquara), Maysa Furlan (IQ-Araraquara), Mário Sérgio Vasconcelos (FCL-Assis), Roberto Deganutti (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Sérgio Swain Müller (FM-Botucatu), Maria de Lourdes Mendes Vicentini

Paulino (IB-Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-Botucatu), Mário de Beni Arrigoni (Dracena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Júlio Santana Antunes (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Raul José da Silva Girio (FCAV-Jaboticabal), Mariângela Spotti Lopes Fujita (FFC-Marília), Paulo Fernando Cirino Mourão (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benez (Registro), Luiz Carlos Santana (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Rosângela Custodio Cortez Thomaz (Rosana), Carlos Roberto Ceron (Ibilce-São José do Rio Preto), José Roberto Rodrigues (FO-São José dos Campos), Marcos Fernandes Pupo Nogueira (IA-São Paulo), Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente), Goldenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Elias José Simon (Tupã).



Governador: José Serra
SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR
Secretário: Carlos Vogt

Jornal unesp

Assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e

Imprensa: Maurício Tuffani

Caordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio

Editor: André Louzas

Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella

Pragramação Visual: RS PRESS Editora

Edição de arte: Sidney João de Oliveira (RS PRESS)

Diagramação: Leonardo Fial (RS PRESS)

Calabararam nesta edição: Davi Zocoli (ASN), Della Rocca, Eliana Assumpção, Noélia Ipê e Paulo Reis Aruca (A Tribuna) (fotografia); Daniel Patire, Danilo Koga e Renato Coelho (texto e fotografia)

Pradução: Mara Regina Marcato

Revisão: Maria Luiza Simões

Versão on-line: Paulo Rocha

Tiragem: 25.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.

Hame page: <http://www.unesp.br/jornal/>

Fatalito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.

As curiosas histórias dos HINOS NACIONAIS

Livro reúne traduções e dados detalhados sobre as canções que representam 194 países

Daniel Potire



Após dez anos de pesquisa, o geógrafo Tiago José Berg, aluno do curso de mestrado em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro, publicou o livro *Hinos de todos os países do mundo* (Editora Panda Books, 304 páginas, R\$ 49, www.pandabooks.com.br). A obra reúne letras, traduções, histórias e curiosidades dos hinos nacionais de 194 nações, do Afeganistão ao Zimbábue.

Berg, que pesquisa a representação geográfica em símbolos estaduais e nacionais, examina detalhes curiosos dos hinos. “Busco situar o leitor no contexto em que cada hino foi elaborado e adotado”, conta.

O geógrafo traduziu e interpretou grande parte das letras das canções nacionais presentes no livro, devido à dificuldade de encontrar traduções acuradas em língua portuguesa. “Minhas principais fontes para entender as origens e constantes mudanças dos hinos foram a bibliografia estrangeira sobre o tema, representações diplomáticas, sites governamentais e fóruns específicos”, relata.

Ele verificou, ainda, que não existe uma palavra específica em português para o estudo dos hinos. Em inglês, o estudioso canadense David Kendall cunhou, em 2003, os termos *Anthematology* e *Anthematologist*, que Berg traduz livremente como Hinologia e Hinologista, que designariam, respectivamente, o estudo e o especialista em informações sobre as canções nacionais.

Do antigo ao novo – Símbolos patrióticos oficiais, os hinos despertam o sentimento de nacionalidade. “Cantar um hino cria uma identidade coletiva em que se experimenta magicamente a nação em nós

mesmos, mesmo que as palavras sejam enfáticas ou triviais e a música, pretensiosa ou simplória”, comenta Berg. Ele verificou ainda que as palavras Deus, Pátria e Liberdade são as mais usadas nessas criações.

Berg constatou quais são os hinos mais antigos do mundo. A primeira letra de que se tem notícia é a do Japão, que provém de um poema do século IX. Em termos de música, os Países Baixos possuem a mais

antiga melodia, conhecida desde 1572.

O hino mais recente, em contrapartida, seria o do Nepal, adotado em 3 de agosto de 2007. O anterior, oficializado em 1962, foi suspenso por conter numerosas referências à monarquia.

Os japoneses também têm a letra mais curta. São apenas 64 letras e 18 palavras na transliteração para o alfabeto latino, enquanto a menor partitura é a de Uganda, que possui apenas nove compassos.

Em compensação, a letra mais longa é a da canção da Grécia, que possui 158 estrofes, embora apenas duas sejam geralmente cantadas. Em termos musicais, o Uruguai possui a melodia mais demorada, com 105 compassos. Seus autores são Francisco Esteban Acuña de Figueroa e Francisco José Debali, os mesmos que criaram o hino do Paraguai.

Autores célebres – Existem músicos eruditos famosos que foram responsáveis por hinos nacionais, como Haydn e Gounoud, autores das músicas das canções que representam, respectivamente, a Alemanha e o Vaticano. Quanto à melodia do hino da Áustria, alguns apontam Mozart como o autor, enquanto outras fontes sustentam que partes da música derivam de uma obra de Johann Holzer.

Quanto a autores famosos de letras, o Senegal ostenta o nome de Leopold Sedar Senghor, poeta e primeiro presidente do país. A música é do compositor francês Herbert Pepper, que também compôs a canção da República Centro-Africana.

Honra maior tem a Índia, cujo hino tem letra e música feitas pelo escritor, poeta, músico e filósofo Rabindranath Tagore, primeiro asiático a receber, em 1913, o Prêmio Nobel de Literatura. Ele, que também é responsável pelo hino nacional de Bangladesh, escreveu a letra originalmente em idioma bengali. A canção ganhou depois uma versão em hindi.

A obra reúne numerosas curiosidades. Uma delas é sobre o hino francês, considerado um dos mais bonitos do mundo. Foi inicialmente batizado como *Canto de guerra para o exército do Reno* e passou a se chamar *A marselhesa* quando um grupo de soldados vindos da cidade de Marselha entrou em Paris entoando a canção, em 1792.

“Em síntese, o livro proporciona uma forma curiosa e profícua de conhecer as nações do mundo e pode servir como fonte de referência e pesquisa para ampliar o enriquecimento intelectual, acadêmico e cultural dos interessados, além de possibilitar uma nova visão sobre o tema hinos nacionais”, conclui Berg.

Oscar D’Ambrosio

Renato Coelho



Para Berg, canto de hinos desperta sentimento de nacionalidade

Hino Brasileiro

A história do hino brasileiro começa com a melodia composta pelo maestro Francisco Manuel da Silva ainda em 1822, sob o calor do processo de independência do País. Ela se tornou conhecida em 1831, quando foi apresentada na cerimônia de partida de D. Pedro I para assumir o trono de Portugal.

A música começou a ser usada com diversas letras. Com a Proclamação da República, em 1889, o governo provisório organizou um

concurso para a escolha de um novo hino oficial, mas o Decreto nº 171, de 20 de janeiro de 1890, do presidente Deodoro da Fonseca, manteve a melodia de Silva.

A letra definitiva foi produzida em 1909 pelo poeta Joaquim Osório Duque Estrada. O texto foi oficializado em 6 de setembro de 1922, às vésperas do centenário da independência, pelo presidente Epitácio Pessoa.

O.D.